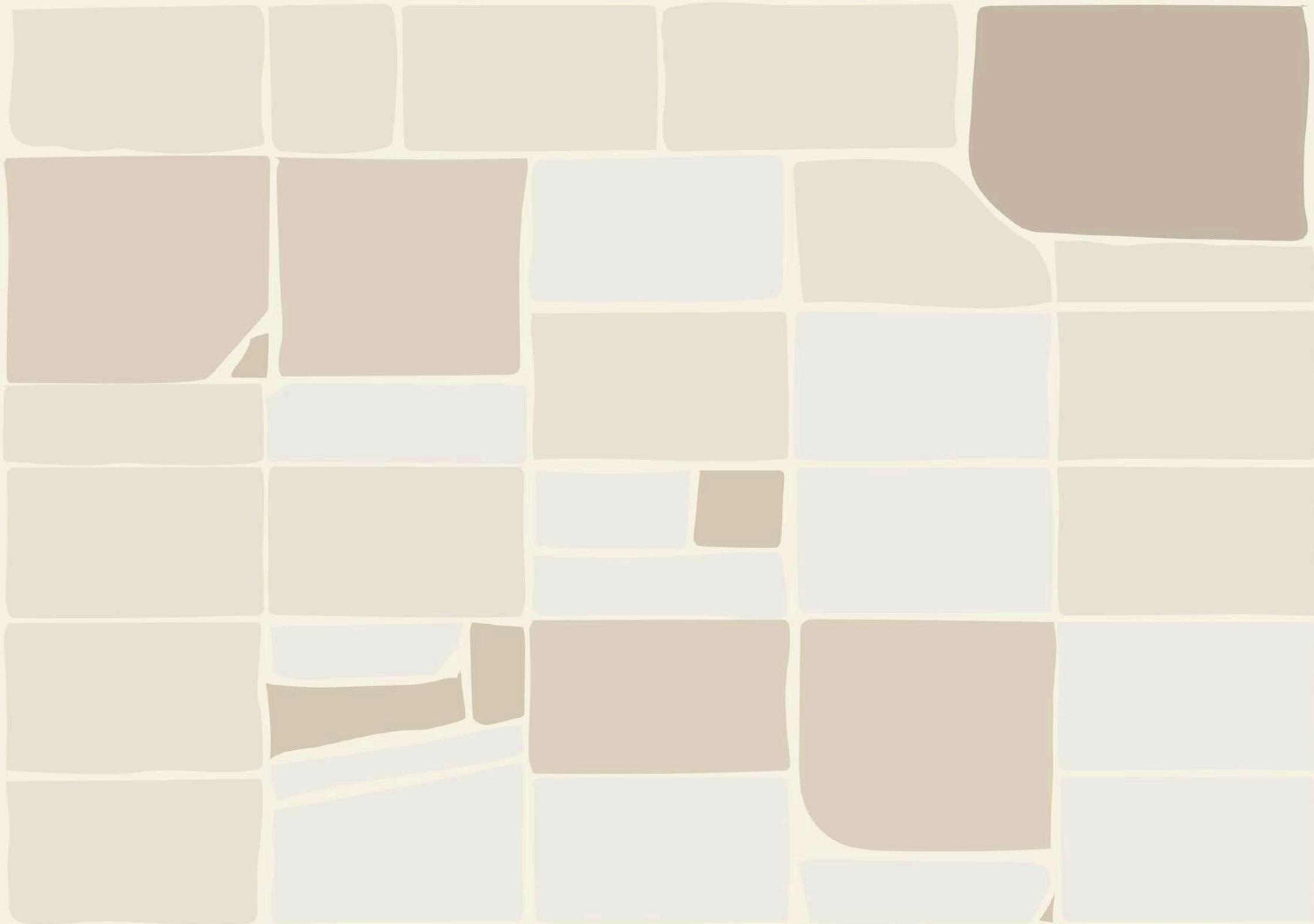




lar subjetivo

fragmentos de memórias coletivas em jacarepaguá





UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO 2024.2

ANA CAROLINA DE CARVALHO PEREIRA MENDES

ORIENTADORA: PROFA. DRA. PILAR TEJERO BAEZA

agradecimentos

Às casas que nos abrigaram, com tanta ternura - às vezes, nem tanto. Àquela do AlfaBarra em que não pudemos pintar as paredes. Àquelas que não pude colar adesivos na janela. Às salas sem TV. Ao quarto dos meus pais, ponto de encontro para refeições, sessões de cinema, de estudo e brincadeiras. Às minhas 20 casas moradas, que mesmo pelo breve espaçamento temporal entre uma mudança e outra, mantinham-se como locais de festas de pijamas, Copas, aniversários e encontros com os que amamos, independentemente do bairro, metragem quadrada, quantidade de quartos ou TVs.

À minha mãe, Ana Luiza, por me ensinar sobre o amor incondicional, amizade, estudo e principalmente, resiliência. A todas as batalhas que lutou sem que eu soubesse, para que hoje eu estivesse escrevendo esta declaração. A todas as brincadeiras lúdicas que inventou para me poupar das durezas da vida adulta. Por todos os “Ra Re Ri Ro Rua” desde 2003 até hoje. Por nossa família de quatro: eu, você, Jujuba e Paçoca.

Ao meu pai, Marcelo, por valorizar minhas conquistas, me incentivar a ser sempre melhor e ter me ensinado sua forma de enxergar a vida com humor, quando é preciso. Obrigada por ter colocado a Angélica em nossas vidas, que tanto me incentiva e forma nossa família junto ao Joãozinho e Gustavo.

À minha amada avó, Nelia Neide, grande bibliotecária, ex funcionária da FAU, e que tinha o grande desejo de fazer Arquitetura um dia. Por muitas vezes, fomos acusadas por enxergar a vida com uma lente romantizada, mas apenas dessa forma, posso dizer que foi possível realizar o presente trabalho e principalmente, com sua colaboração, abraço apertado, cafézinho e bolo de cenoura.

Ao meu avô, artista, que sempre me incentivou a desenhar, escrever, ainda que não o realize nada disso como ele. E ao Tio Nico, meu tio-irmão mais querido, que me ensinou a desenhar pistas de carrinho, soltar pipas, andar de bicicleta e até hoje, me ensina a ser uma pessoa mais paciente e empática.

Ao meu grande amor, Lucas, que está em minha vida desde quando a FAU ainda era somente um sonho. Você caminhou ao meu lado durante a árdua jornada da graduação, virou noites, fez lanches, correu até a Caçula para comprar materiais para maquete e por muitas vezes, me deu consolo e carinho necessários para que eu conseguisse seguir em frente. Hoje, estamos em nossa segunda casa morando juntos e só tenho a agradecer a rotina de amor, carinho e parceria que temos, ainda que nesse momento caótico de final de curso.

À minha prima-irmã Giovanna, que topa estar ao meu lado até mesmo em um pronto-socorro às 4 horas da manhã. Como sempre digo, nossa sensibilidade em relação ao mundo, combina, e por isso, nossa conexão é indescritível. Obrigada pelo empenho e animação pelas minhas conquistas durante esse penoso ano.

À minha grande amiga-irmã, Letícia, uma das minhas primeiras amigas da vida, que se fez casa em minha breve passagem pela UFRRJ e se faz presente em todas as fases de minha vida, como neste último ano. Obrigada por ter mergulhado na Cartografia Afetiva com sua autenticidade e espontaneidade, que nos diverte e fascina, ressaltando memórias que construímos juntas no passado. E que assim sigamos para a eternidade. À Larissa, nossa caçulinha, que tenho grande carinho e afeto. Obrigada por ter feito parte desse processo.

À minha grande amiga Julia Laport, minha inspiração de equilíbrio entre estudo e aproveitamento de vida. Minha parceira há tantos anos, foi ouvinte, empática, me oferecendo todo o amor e suporte necessário, propondo escapes estratégicos durante esse período tenso de nossas vidas.

À minha grande amiga Carol, minha grande inspiração de mulher e também, mãe da Manu, que não me deixou diminuir para caber em espaços que não eram para mim. Obrigada pelo incentivo para eu ser quem eu sou e lutar pelo o que acredito, sem julgamentos.

À minha grande amiga Luana Leão, minha primeira amiga da vida, até onde me recordo. Obrigada por ter sonhado tanto, lá atrás, com esse momento presente. Por me incentivar a seguir meu próprio caminho, desde a primeira dúvida que tive. Obrigada pela minha primeira “caneca de arquiteta”, todos os dias lembrada com muito carinho e muito utilizada, principalmente, durante esse último ano.

À família Batista, minha família numerosa e amorosa, que me apoiou durante esse processo. Em especial: Tamara, Marcos, Tia Nilza, Tia Nádia, Miguel, Taíza, Tio Clóvis (em memória) e Vó Luiza (em memória).

À família Medeiros - Genivaldo, Janete e Lídia - que me acolhe sempre com tanto carinho e me permitiu, por muitas vezes, fazer da casa de vocês um ateliê fora da FAU: com muitos materiais espalhados pelo chão e colegas de turma desesperados.

Às minhas amigas da graduação Vicca, Bruna, Rafa, que compartilharam comigo, desde o início da graduação, de muitos momentos incríveis dentro e fora do edifício da FAU. Obrigada pela parceria e pelos laços de amizade firmados, principalmente, em momento como da pandemia, que nos mantemos firmes.

Às grandes mulheres e arquitetas incríveis que conheci por meio de estágios: Ana Bianco, Julia Eloy e Mariana de Marsillac. Obrigada pelos ensinamentos, que sem dúvidas, contribuíram para a profissional sensível que estou me tornando.

À professora Pilar, que aceitou esse desafio comigo. Obrigada pela empatia e pela compreensão acerca do tema, da minha história e da segurança passada, que me mantiveram forte durante o processo.

À Carol, de 2003, 2005, 2022, e de tantos outros anos, que fazem parte de quem sou hoje. Posso dizer que o processo de acessar memórias de infância foi custoso, como cutucar feridas abertas. Por isso, há quem diga que romantizo demais a vida e as casas moradas. Mas não me arrependo de ter gravado em minha memória cada textura, cada cheiro de bolo, cada volta de velotrol, cada caída de bicicleta, cada desenho planejando meus quartos nas futuras casas. Dessa forma, posso dizer, que este trabalho é o fruto da construção conjunta de memória coletivas e individuais que a arquitetura é capaz de produzir.

À arquitetura produzida na subjetividade.

O último andar

No último andar é mais bonito:
do último andar se vê o mar.
É lá que eu quero morar.

O último andar é muito longe:
custa-se muito a chegar.
Mas é lá que eu quero morar.

Todo o céu fica a noite inteira
sobre o último andar.
É lá que eu quero morar.

Quando faz lua, no terraço
fica todo o luar.
É lá que eu quero morar.

Os passarinhos lá se escondem,
para ninguém os maltratar:
no último andar.

De lá se avista o mundo inteiro:
tudo parece perto, no ar.
É lá que eu quero morar:
no último andar.

(MEIRELES, Cecília, 1964)

resumo

Este Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo busca questionar a ideia de “casa” para além da estrutura física e construção de estabilidade habitacional, referenciado o sentido de “lar” para questões afetivas e de contínua mobilidade nas formas atual de habitar, atualizando a possibilidade cultural nômade. Mostrar, num primeiro exercício através de fotografias, desenhos a mão livre e depoimentos familiares, os fragmentos das memórias e vivências pessoais de quem já morou em mais de 20 casas na grande região de Jacarepaguá compõe um aprofundamento sobre a percepção e os relacionamentos espaciais, atitudes fundamentais para projetar arquitetura e urbanismo. A proposta pretende explorar o cruzamento entre a arquitetura, afetividade e experiência de moradia, perguntando ao morador: quais foram os espaços que deram sentido às formas de viver? Quais vivências e memórias das casas fizeram sentir pertencimento de um espaço próprio? Quais elementos da casa carregam essa lembranças de vínculo social com construção de um lar?

O presente trabalho busca aprofundar a prática afetiva no exercício profissional da arquitetura e urbanismo, enfatizando a humanização do espaço físico e a afetividade do cotidiano, através de uma análise sensível das referências pessoais de moradia. Assim, este estudo proporcionará modos de agir e relacionar a arquitetura aos futuros usuários com seus elementos essenciais para a construção de uma casa que possa vir a ser um lar.

Palavras-chave: lar; casa; memória; afeto, sensibilidade, cartografia.

sumário

1

introdução

2

objetivos

3

metodologia

cronologia

13

cronologia: a construção
inicial e coletiva por
memórias

14

cartografia afetiva:
produção

15

narrativa etnográfica

17

18

7

A grande Jacarepaguá: fragmentos afetivos da cidade

28

Os bairros afetivos: o
entorno dos lares
os lares: memórias afetivas
das casas habitadas

30

33

8

espaço-casa: casa amarela

34

9

espaço-casa: bloco seis

44

4

**cartografia
das memórias
coletivas**

20

5

**o lar subjetivo:
o sentido das
memórias e
vivências das
casas**

22

6

**O nomadismo
na procura do
lar: a
subjetividade
do espaço
cotidiano**

27

10

**espaço-casa:
casa da vó**

54

11

casa âncora

66

12

**conclusão
referências**

69

70



Sala da Casa Duplex em mudança. Fonte: acervo pessoal, 2014.

introdução

Este trabalho, tem como ponto de partida minha vivência pessoal, Ana Carolina, de 25 anos, nascida e residente da cidade do Rio de Janeiro, com vinte endereços diferentes, entre os anos de 1999 e 2024, espalhados por quatro bairros da grande Jacarepaguá (Taquara, Curicica, Cidade de Deus e Pechincha), além da Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes, na Zona Oeste, uma das zonas mais populosas da metrópole do Rio de Janeiro.

Entre as sobreposições de endereços por meio dos anos, a busca de um “habitar” definitivo dentro de mim, nunca se esgotou. O planejar de cada espaço para que se tornasse único e meu, se tornou mais que uma brincadeira de criança. Ali, nascia um sonho e uma vocação: transformar espaços impessoais, de casas alugadas, recém-construídas ou que já foram de muitos donos, em verdadeiros ambientes que gerem identificação e pertencimento em cada detalhe.

Em razão do alto número de casas moradas e os poucos objetos pessoais de família guardados para facilitar no momento de mudança entre uma casa e outra, assim como nenhuma lembrança de adesivos colados em janela ou armários, a sensação de instabilidade da noção de “casa” – fosse em vila, condomínio, fundos, sobrados, compartilhadas, apartamentos pequenos, grandes, mobiliados ou não – entre um contrato de aluguel e uma escritura de um imóvel, levou-me a questionar: **por que algumas das casas foram consideradas, por mim, lares, e outras não? Quais vivências, que hoje são memórias, me fizeram sentir pertencente nelas?**

Dessa forma, o entendimento da essência do lar e a visitação à memória de um lar de infância contribuem para o reconhecimento e preservação de um lar mental e espacial que contribui para a construção identitária e de pertencimento. Além disso, levar consigo o sentimento de lar facilita a existência do nomadismo contemporâneo nas contínuas mudanças e instabilidades em configurações das formas familiares de habitar.

objetivos

O objeto de estudo deste trabalho são as “casas”, ampliando a reflexão sobre o sentido do habitar cotidiano e como as memórias de um coletivo - moradores, famílias e amigos- atribuem um caráter afetivo às espacialidades consideradas “lares”. Assim, os objetivos gerais que se pretende alcançar são os seguintes:

Reconhecer a **importância de um lar** na construção da identidade e do pertencimento cultural, assim como compreender a existência de um nomadismo contemporâneo, refletindo as contínuas mudanças e instabilidades nas configurações das formas familiares de habitar.

Identificar **elementos de uma casa** como sujeitos e narradores de histórias, destacando-os em cada residência, a partir de registros de memória que serão concretizados em desenhos.

Promover reflexões sobre a distinção entre os **conceitos de casa e lar**, estabelecendo uma relação entre arquitetura, memória e afetividade. Essa compreensão visa ser incorporada tanto no ofício do arquiteto quanto na percepção do usuário, possibilitando uma relação singular e significativa com os espaços que habitamos.

metodologia

Como sugere a arquiteta Ludmila de Lima Brandão (2002), a fim de reconhecer estes espaços-casa e eleger as casas moradas que se encaixam em “mais lar do que outras”, procurou-se cartografar e revisitlar minha memória, por meio da elaboração de uma cronologia (Pereira et al, 2018). Referente aos anos correspondentes às casas moradas, buscou-se compilar algumas lembranças através de desenhos dos espaços em plantas, croquis, cenas, objetos, cômodos e personagens. A cronologia, neste ponto, foi um fio na formação de um ninho, que por ora se entrelaça, se desfaz, dá nó. Assim, une todos os outros elementos, amarra a produção e entendimento de dados visuais e conceituais nas escalas - cidade, bairro e casa - segundo os fragmentos de memória dos lares subjetivos em Jacarepaguá.

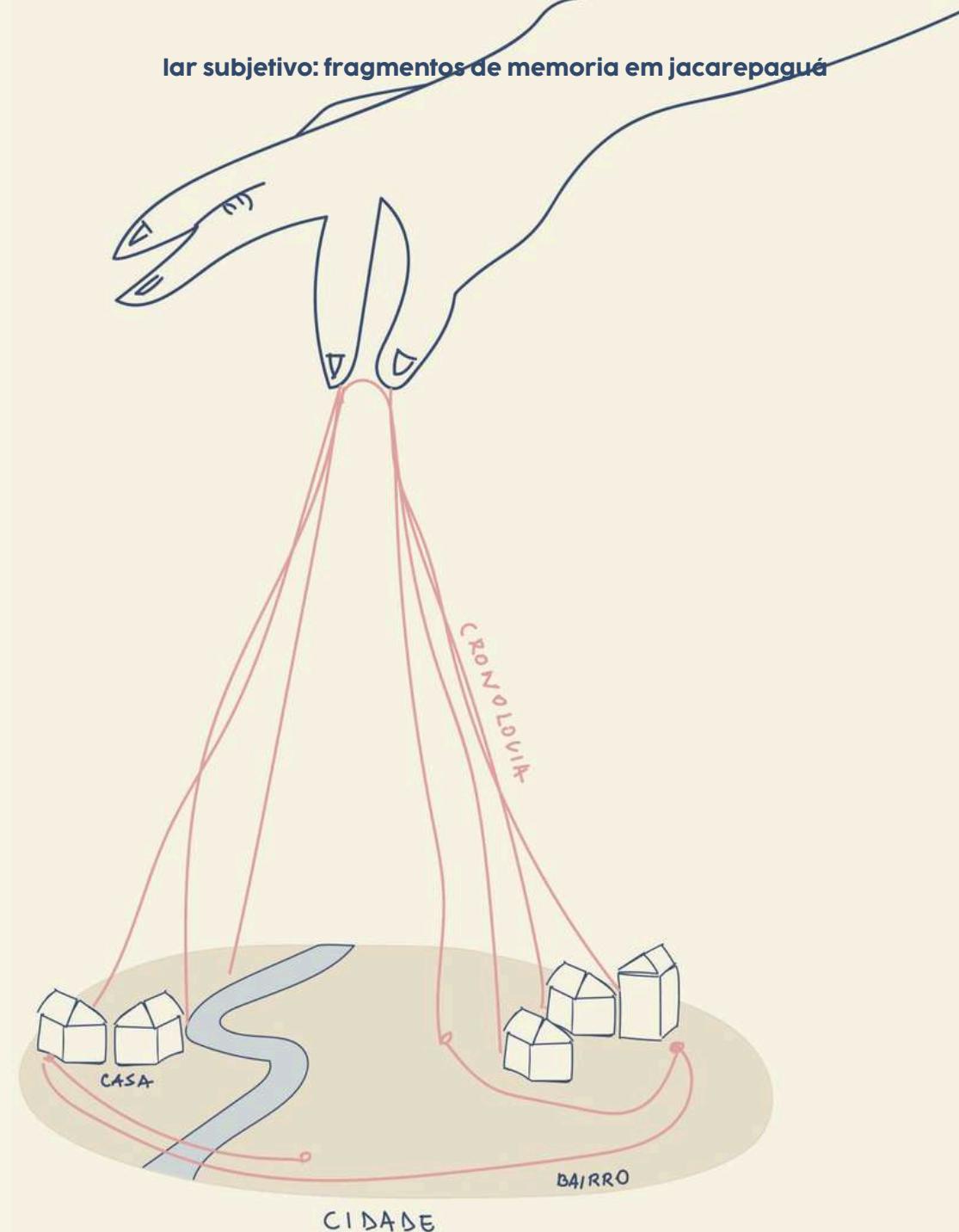
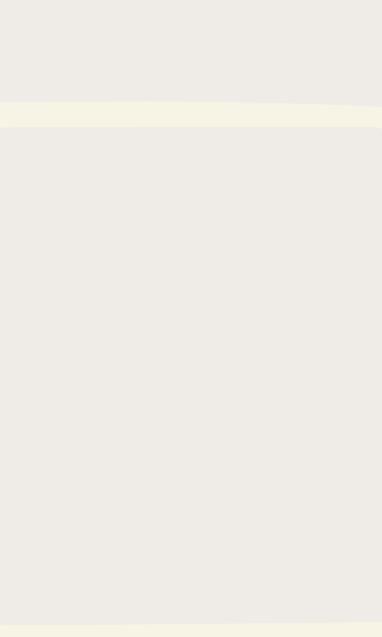
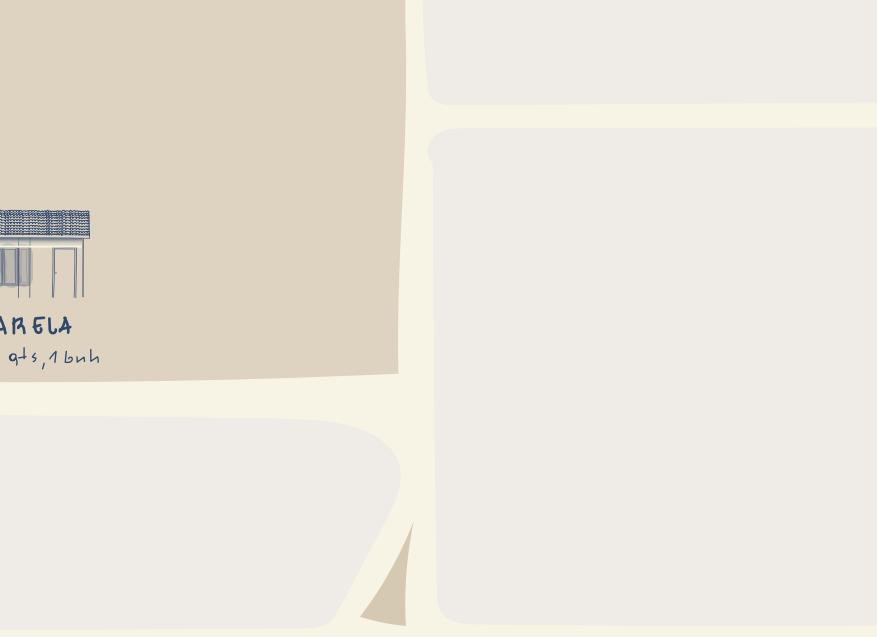
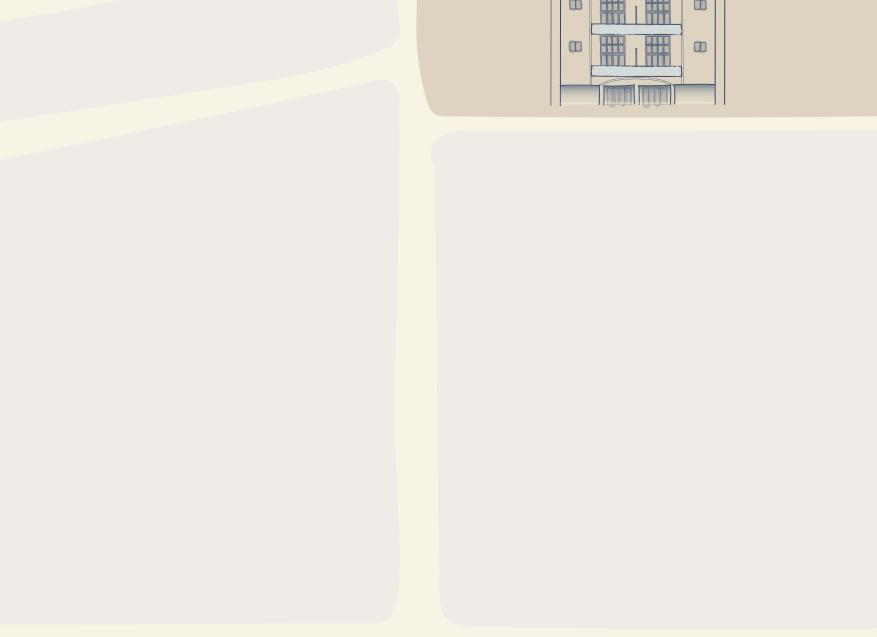
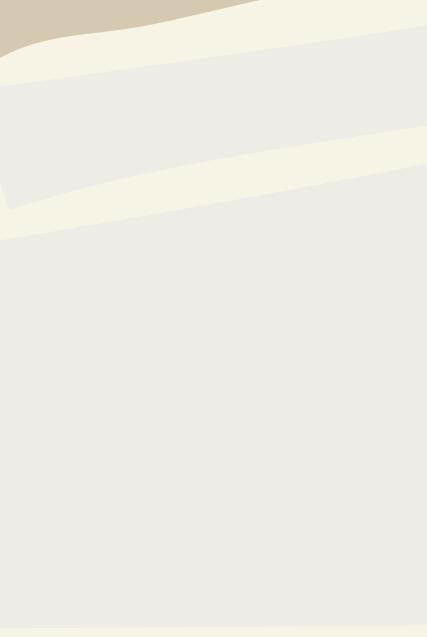
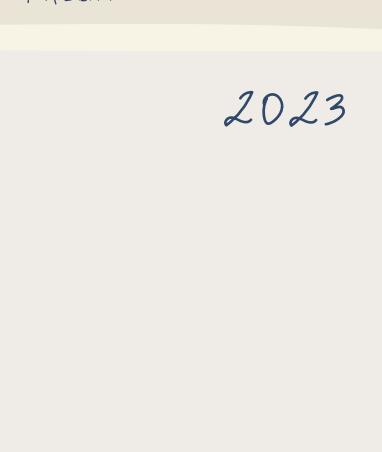
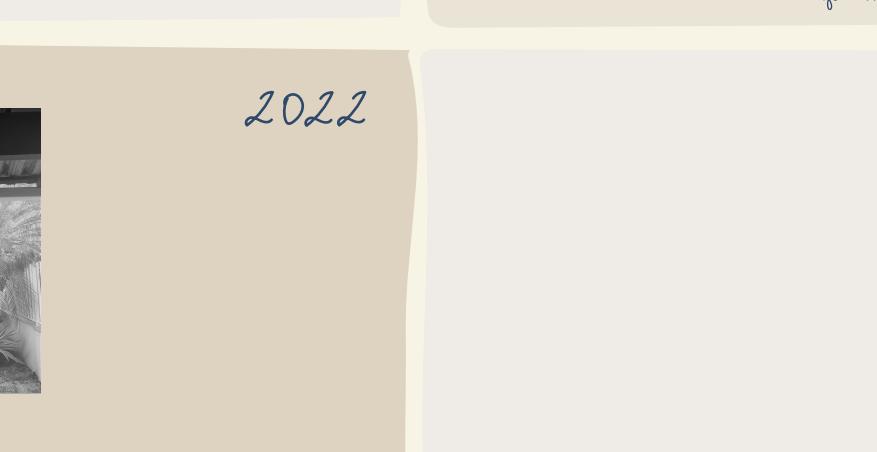
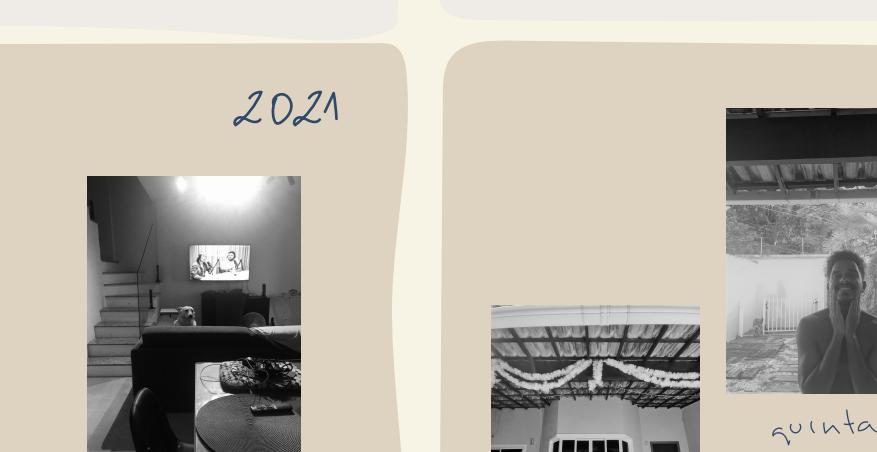
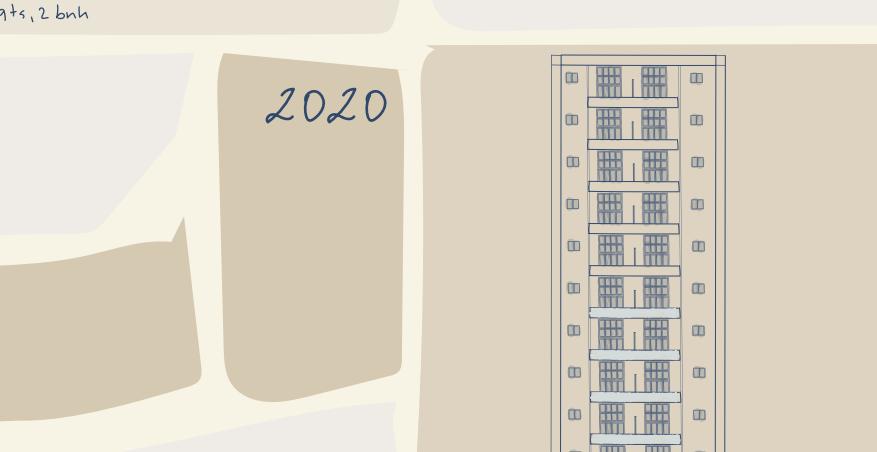
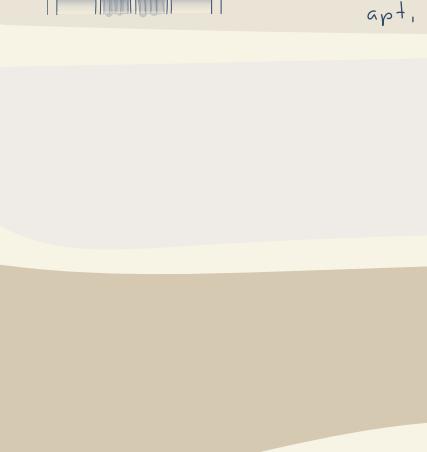
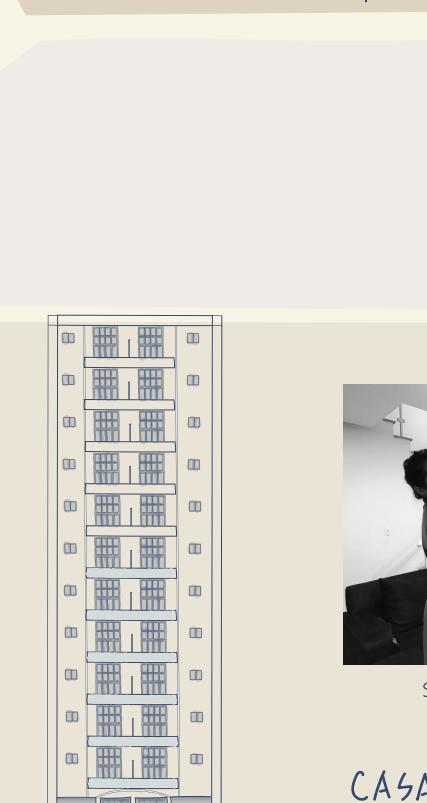
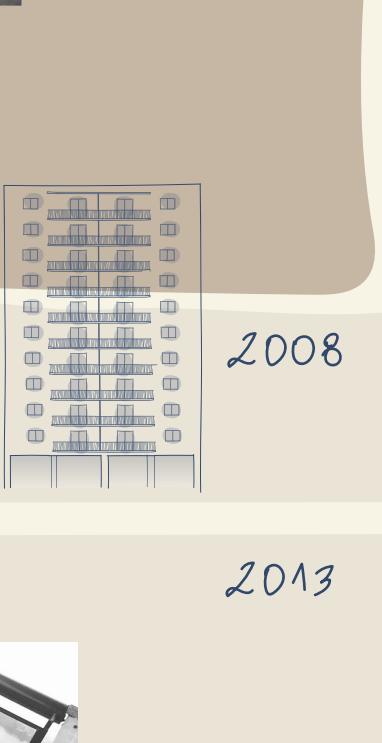
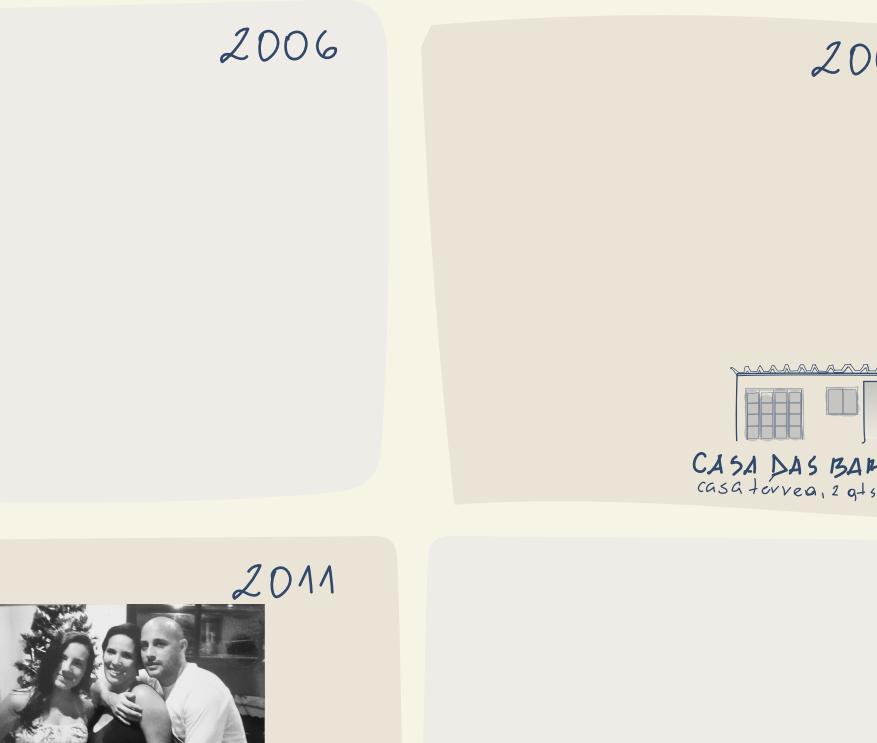


Diagrama elaborado pela autora. Fonte: acervo pessoal, 2024.



cronologia: a construção inicial e coletiva por memórias

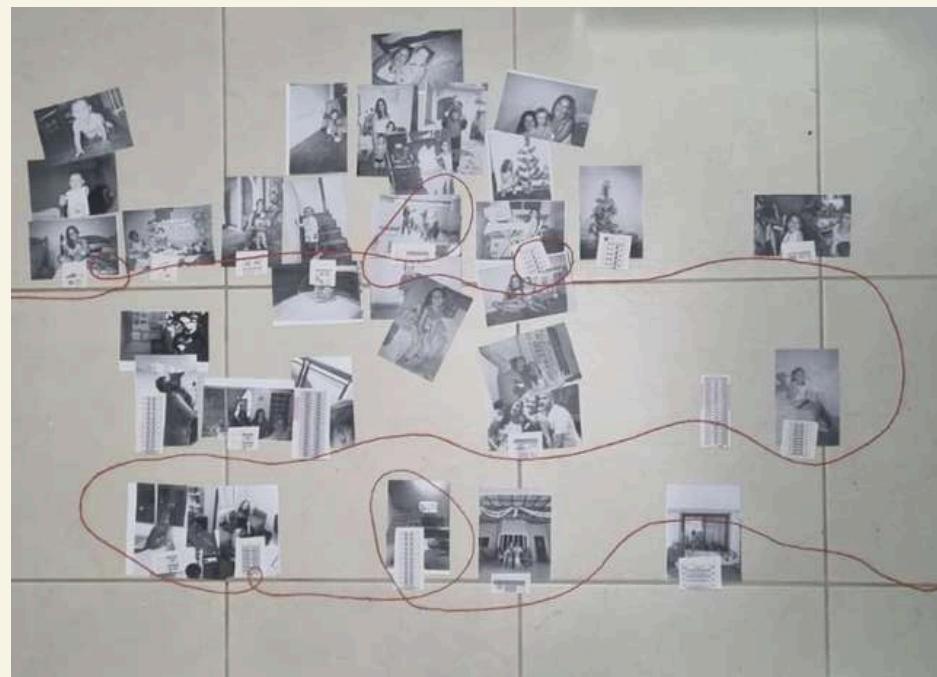
Em um **primeiro momento**, a elaboração da cronologia (ano a ano) tinha como objetivo confirmar o número de casas moradas pela família, já que este ainda era inconclusivo devido à fonte: a memória que facilmente dissolve-se com as diferentes e numerosas moradias. Com o objetivo de lapidar estas lembranças, são elaborados croquis para os registros visuais das mesmas, trazendo materialidade e elementos associativos a estas casas.

Resgatando algumas dimensões no mundo das ideias, assim como cores e objetos, concretizou-se os cenários de eventos e memórias, para captar a essência de cada casa morada. Ainda sem auxílio de registros fotográficos, familiares ou visita de campo, **foi possível definir algumas casas que mais se destacaram na minha memória e na minha construção identitária.**

Num **segundo momento**, distanciando-se da memória, recorreu-se aos objetos, coisas e itens do acervo pessoal da família, como registros fotográficos e digitais. Colheu-se depoimentos dos entes que estiveram junto a mim nas casas moradas e realizaram-se diferentes montagens cronológicas combinando-as com os marcos pessoais.

Dessa forma, **foi possível notar que 3 casas dentre as 20, repetiam-se na memória coletiva e individual.** A partir da sistematização de cada uma delas e identificação de singularidades, como fotos em mesmos cômodos ou até mesmo registros em que apareciam um móvel em comum, conseguiu-se constatar que onde havia mais memórias vivas, ainda que as histórias não fossem de todo positivas.

Com o exercício cronológico obteve-se a percepção de que a casa principal, chamada casa-âncora - casa da avó -, **foi habitada por um espaço de tempo maior do que o real**, comparada aos outros, apesar de alguns períodos entre mudanças serem exatamente iguais, deixando visível que esse destaque auxiliou a identificar e incorporar o sentido de lar que se procurava. Dessa sistematização de registros, foi possível reconhecer que **existem fragmentos, lacunas e vazios entre o mundo das memórias, principalmente, aquelas feitas ainda sob nossas vivências, sobretudo, de infância com os fatos ocorridos.** Utilizar esta metodologia exploratória sobre as temporalidades e espacialidades do lar contribuiu no aprofundamento dos territórios cotidianos e auxiliou a compreender que as lacunas das memórias são momentos de questões únicas acerca de cada casa como forma singular.



Experimentação de montagem cronológica. Fonte: acervo pessoal, 2024.

cartografia afetiva: produção

Aliás, "entender", para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima - céus da transcendência-, nem embaixo - brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão. E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem. (ROLNIK, 2011, p. 66)

O ato de cartografar, realizado neste presente trabalho de diversas formas, tem a pretensão de compreender o território de afetividade no entorno das casas moradas, como sugere a filósofa e psicoanalista Suelly Rolnik. Para elaboração da cartografia afetiva das casas moradas, além, da reflexão e revisitação na memória em relação as fachadas, formas, alturas das casas moradas, foi complementada, neste trabalho, a consulta a atores externos - família e amigos -, assim como a localização, mesmo imprecisa.

Por exemplo, a **fábrica de bolos**, localizada na esquina da rua da Casa da Vó (2003), é um objeto externo que caracteriza a percepção presente na narrativa contada sobre este local habitado.

Em certo momento deste trabalho, foi necessário a consulta a terceiros que compartilharam do mesmo espaço-casa comigo, ainda que na condição de um visitante, morador fixo ou temporário. As personagens foram incluídas na narrativa para resgatar juntos a memória atrelada a cada uma destas casas, dadas como "mais lares do que outras", ocupando da mesma maneira esses lugares afetivos na Casa Amarela, Casa Bloco 06 e Casa da Vó. **A criação coletiva da cartografia sensível, então, foi realizada por meio de reuniões em um período de aproximadamente um mês, com três grupos diferentes de atores externos, relacionados, cada um, a uma das três casas selecionadas.**

O processo, portanto, resultou para além de mapas e textos detalhados sobre as casas moradas. Foram provocados sentimentos acerca de memórias coletivas e individuais, negativas ou positivas, gerando assim grande

sentimento de comoção e nostalgia, evocando dessa forma, um sentimento de pertencimento e de relevância na trajetória pessoal individual de todos os agentes externos a essas casas moradas, que ao início do processo, não parecia existir.

A partir disso, **esses sentimentos vêm à tona e se manifestam nos desenhos das cartografias**, nas sobreposições de desenhos, na apropriação de espaços vazios, uso de elementos em vista, em planta, em perspectiva.

Quanto mais se sentiam próximos a narrativa das casas, mais se apropriavam da folha de desenho e não temiam desenhar de forma "errada" ou "não arquitetônica", tendo cada um seu próprio lugar, uma cor própria de lápis ou caneta a mão, e uma cor base para memórias em concordância entre todos. Essa hierarquia evidencia-se na presença de linhas azuis mais escuras, como base dos desenhos e principalmente, do traçado urbano e das plantas das casas, alguns móveis, elementos urbanos, nomes de ruas nesse tom, enquanto as memórias individuais possuem cores únicas indicadas pelas legendas de cada desenho em questão.

narrativa etnográfica

A metodologia apresentada pela autora Ludmila de Lima Brandão em “A Casa Subjetiva: matéria, afeto e espaços domésticos” (2002), utiliza-se da relação entre o espaço doméstico e a subjetividade, tendo a narrativa etnográfica como um dos recursos centrais para explorar essa conexão. **A narrativa etnográfica, caracterizada pela imersão e pela observação detalhada, em primeira pessoa**, permite à autora captar a essência das experiências humanas em seus lares, revelando como esses espaços são moldados por vivências, memórias e afetos.

A casa como um espaço que ultrapassa os limites físicos, mas sendo um lugar onde a identidade e a memória se entrelaçam. Através de relatos etnográficos, a autora destaca como as casas carregam significados profundos, construídos ao longo do tempo e das interações pessoais. Essa abordagem permite que os leitores compreendam que cada casa é como um “arquivo” e habitada por uma história única, refletindo as jornadas de seus moradores e a cultura que a envolve, assim reconhecendo objetos, cheiros e sons.

Enquanto o portão de ferro que dá acesso à casa é meticulosamente desenhado e indicado na planta, mas ainda acompanhado de ilustrações, no texto sua singularidade é evocada através do característico ranger que produz ao ser aberto, um som que remete ao fluxo de entradas e saídas de pessoas ao longo dos anos.

Em suma, a narrativa etnográfica de Brandão em “A Casa Subjetiva” oferece uma lente rica e profunda através da qual podemos entender a interseção entre o espaço físico do lar e a subjetividade de seus moradores.

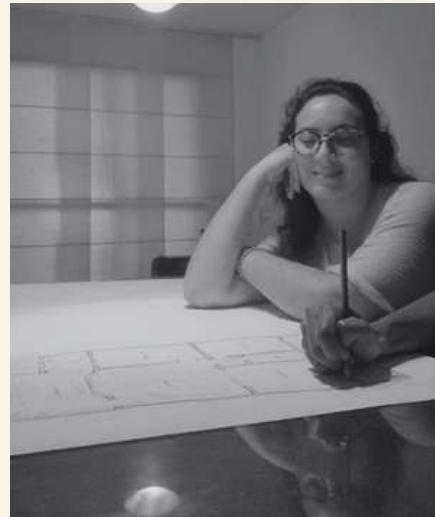
A metodologia proposta, que prioriza a imersão e a narrativa pessoal, combinada ao processo de cartografia sensível realizado coletivamente junto aos atores externos, que compartilharam desses mesmos espaços-casas, como a Casa da Vó, Casa Bloco 06 e Casa Amarela, revela como **essas casas atuam como arquivos da memória, repletas de significados que ultrapassam sua função habitacional**. Este trabalho, ao seguir essa mesma metodologia, demonstra não apenas a complexidade que envolve a representação dos lares, mas também a relevância de se considerar a própria experiência vivida como um componente fundamental na construção do que chamamos de lar que remetem a memória característica do local. Dessa forma, a casa é como um “arquivo” onde experiências passadas são armazenadas. **Estes arquivos são frequentemente ativados por objetos, cheiros e sons que despertam recordações.**

Assim como Ludmila Brandão faz em sua obra, este trabalho também incorpora uma forma de narrativa etnográfica que se revela na descrição das memórias coletivas e individuais associadas às casas que habitamos, muitas das quais se caracterizam como “mais lares do que outras”. Essa narrativa alterna entre a linguagem técnica da arquitetura e a linguagem afetiva, que emergem das observações e experiências pessoais vividas ao longo do tempo.

Cada casa é, assim, apresentada em um âmbito subjetivo, transcidente às meras dimensões físicas que se encontram nas plantas, como observado na Casa da Vó. As informações contidas permitem uma compreensão mais abrangente da espacialidade da casa e de seu entorno, levando em consideração, inevitavelmente, as limitações que a memória impõe, especialmente em relação a um lar em que se viveu há quase 20 anos.

Dando continuidade ao aprofundamento deste Trabalho final de Graduação, apresentamos uma reflexão conceitual, mostrando a diferença de sentidos das noções de casa e lar, a importância das memórias para a constituição do lar subjetivo e a interpretação do nomadismo no movimento da vida contemporânea.

Continuamos a seguir, com a elaboração das cartografias afetivas e a narrativa etnográfica, alternando e explorando os fragmentos das vivências e memórias coletivas entre três escalas: a cidade da Grande Jacarepaguá, os bairros de Taquara, Pechincha e Cidade de Deus, principalmente, e as lembranças sobre as 3 casas: Casa Amarela, Casa Bloco 06 e Casa da Vó.



Autora (Carol) e Lucas elaborando Cartografia Afetiva. Fonte: acervo pessoal, 2024.



Autora (Carol) e avó Neide elaborando Cartografia Afetiva. Fonte: acervo pessoal, 2024.



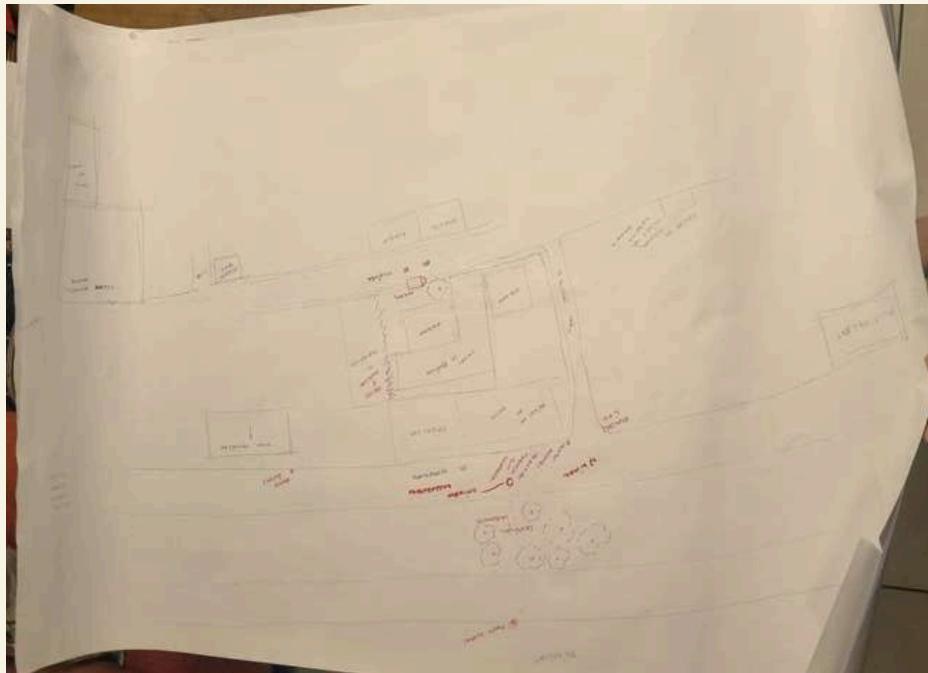
Autora (Carol) e avô Edir elaborando Cartografia Afetiva. Fonte: acervo pessoal, 2024.



Autora (Carol), Larissa, Letícia e Giovanna elaborando Cartografia Afetiva. Fonte: acervo pessoal, 2024.



Resultado final da Cartografia Afetiva da Casa da Vó. Fonte: acervo pessoal, 2024.



Resultado final da Cartografia Afetiva do entorno da Casa da V6. Fonte: acervo pessoal, 2024.



Autora (Carol) e avó Neide elaborando Cartografia Afetiva. Fonte: acervo pessoal, 2024.



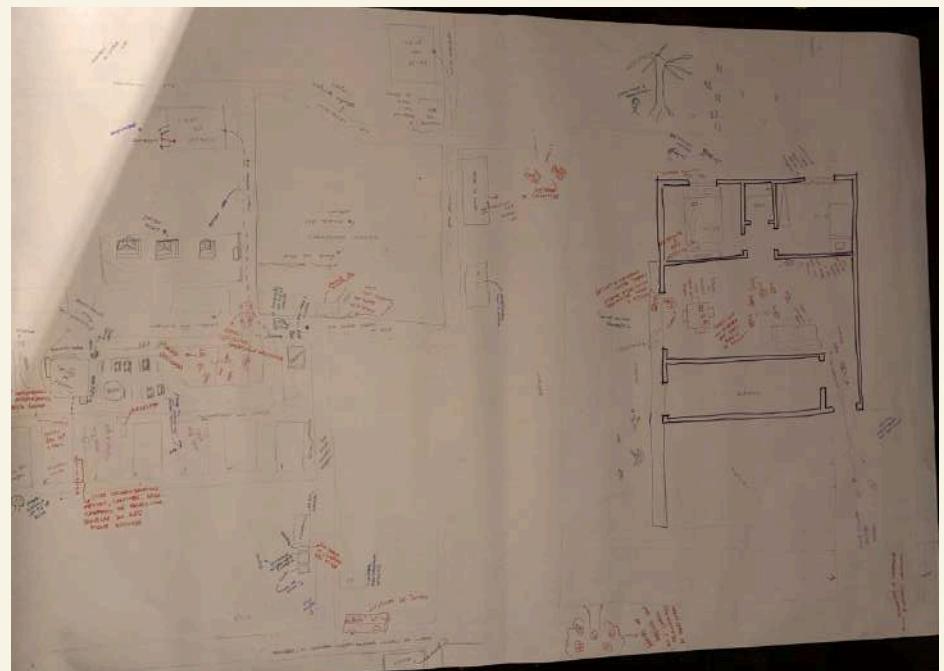
Autora (Carol), Larissa, Letícia e Giovanna elaborando Cartografia Afetiva. Fonte: acervo pessoal, 2024.



Autora (Carol) e Lucas elaborando Cartografia Afetiva. Fonte: acervo pessoal, 2024.



Autora (Carol), Larissa, Letícia e Giovanna elaborando Cartografia Afetiva. Fonte: acervo pessoal, 2024.



Resultado final da Cartografia Afetiva da Casa Bloco 06. Fonte: acervo pessoal, 2024.

cartografia afetiva das memórias coletivas





Sala da Casa Bloco Cinco. Fonte: acervo pessoal, 2004.

o lar subjetivo: o sentido das memórias e vivências das casas

A nossa casa é onde a gente está

A nossa casa é em todo lugar

A nossa casa é onde a gente está

A nossa casa é em todo lugar

Maria Bethânia,

A nossa casa, 2013 (2009).

Na música “A Nossa Casa” de Maria Bethânia, grande artista da MPB, a palavra “casa” tem um significado para além de estruturas físicas de paredes, piso e teto. Apesar da licença poética do artista, essa palavra, no entanto, tem como significado oficial “edifício de formatos e tamanhos variados, geralmente de um ou dois andares, quase sempre destinado à habitação”, o qual não detém qualquer significado afetivo. Por isso, usa-se comumente a palavra “lar”, para o entendimento afetivo e emocional da habitação. O termo que é advindo da mitologia romana e etrusca, dá nome aos deuses familiares e protetores de habitações domésticas. Assim como a frase popular “lar, doce lar”, voltamos a esse termo quando o objetivo é referenciar questões emotivas, que envolvem memórias do passado e vivências do presente, remetendo aos laços familiares construídos experienciados no espaço de moradia, e a proteção que se é entendida como garantida através desses laços.

A etimologia das palavras podem nos ajudar a entender seus significados dentro de um contexto, mas nossa vivência pessoal nos desperta para questões únicas, assim como o fez Maria Bethânia em sua música. Nessa indagação, este trabalho também busca explorar o entendimento de lar exposto pelo arquiteto Juhani Pallasmaa, quando distancia o espaço físico de uma casa e suas relações, do espaço mental de um lar.

“Uma casa é o invólucro, a casca de um lar. Podemos dizer que a substância do lar seja secretada pelo morador dentro dos contornos da casa.” (PALLASMAA, 1994, p. 11)

Segundo Ludmila de Lima Brandão em “A Casa Subjetiva: matéria, afeto e espaços domésticos” (2002), o cruzamento entre a arquitetura construída e a afetividade presente na vivência do espaço físico, é alterado sobre as possibilidades de pensar e cartografar as ideias de lar. Assim, sublinhamos também a noção de lar exposta pela autora:

“Uma dessas ideias apresentava-se da seguinte maneira: essa casa nunca aparece sozinha. Ela só emerge como casa quando misturada a outros elementos não considerados espaciais. Por exemplo: a cozinha traz um cheiro que define (dá os contornos a) essa cozinha.” (BRANDÃO, 2002, p. 15)

Dessa forma, utilizamos a narrativa de objetos inanimados presentes dentro de cada casa morada ou a falta destes, para descrever a trajetória familiar e os comportamentos pessoais, assim como o conjunto arquitetônico em si, definindo ou não, a casa em questão, como “lar”.

A concepção do espaço do lar, está intrinsecamente ligada à reconstrução da memória através de acesso de foto familiares e reconhecimento de objetos antigos em minha atual casa, pude eleger elementos mentais ou simbólicos, como sugerido por Pallasmaa (1994), os quais fazem o papel de transmitir o que pretendemos definir por “lar”.

1. **Elementos de ocupação na casa morada**, hábitos que compõem a rotina (por exemplo, no caso de apartamentos, a varanda ou espaços livres preenchidos com móveis, objetos pessoais, plantas. Em casas, luzes externas acesas durante a noite, iluminando o número da propriedade);
2. **Elementos de importância para a história pessoal ou de herança familiar** (quadros de fotos pendurados na sala ou em área comum visível para visitas, assim como itens em estantes, prateleiras, ligadas a viagens e a entes queridos);
3. **Elementos artísticos** que podem lembrar de situações de expressão e experimentação do habitar (objetos de arte aprendidos ao longo da vida, utilizados para experimentar materiais, cores, disposição de espaços).

Os signos podem estar em coisas simples que se transformam em elementos precursores de memória, e, depois, elementos essenciais do lar daquela pessoa. Há lacunas no relembrar da infância, e nesse caso, prevalecem os elementos marcantes, e não a precisão em detalhes. No meu caso, um sofá amarelo de uma das casas moradas por mim, tornou-se uma referência que internalizei: da essencialidade de ter um sofá robusto em casa e do apego com a cor amarela.

O que Guattari afirma é que a arquitetura está o tempo todo operando como produtora de sensação, de sentido, de subjetividade. (BRANDÃO, 2002, p. 10)

A subjetividade do espaço é o que o torna rico de memórias, a ressignificação de um objeto para melhor utilidade de um espaço pode marcar a história de um ambiente e de quem o habitou. Assim, um sofá que um dia foi um castelo imaginário carrega consigo um valor sentimental inestimável. Um conjunto de objetos que recebem sentidos únicos para uma vivência, portanto, se consolidam como elementos essenciais para a formação do espaço do lar.



Autora no armário de seu avô na Casa Israel, Cidade de Deus. Fonte: acervo pessoal, 2001.

A palavra “lar” imediatamente nos relembra todo o aconchego, a proteção e o amor de nossa infância. Talvez nossos lares da idade adulta sejam apenas uma busca inconsciente daquele lar perdido. Mas as memórias do lar também despertam todos os medos e angústias que porventura tenhamos experimentado naquele período. (PALLASMAA, 1994, p. 13)

O nomadismo na procura do lar: a subjetividade do espaço cotidiano

Segundo Brandão (2002), a casa de uma família pode ser vista como um território para o meio externo e interno, possuindo elementos e personagens obrigatórios que o caracterizam exatamente como aquele lugar. Dessa forma, esse território, pode ser então desterritorializado em caso de mudança do padrão habitual daquele cenário, como a perda de um familiar, mudança de endereço ou uma visita que terá uma estadia longa, e assim interferirá na rotina da família, seja trocando itens pessoais dos habitantes do lugar, ocupando mais espaços, ainda que estes não sejam exatamente pequenos.

A construção de um lar, no entanto, sendo um conjunto individual de memórias afetivas, elementos de importância de história pessoal, hábitos, personagens, também será afetada pela desterritorialização. Ainda que, com a mudança de endereço, por exemplo, seja possível carregar memórias e objetos, a depender da distância de um local para o outro, é possível criar novos lugares mentais de lar e atribuir este sentimento a lugares físicos, ressignificando espaços e criando novas memórias afetivas.

O nomadismo, neste trabalho, caracteriza o padrão analisado das constantes mudanças de endereço feitas entre 1999 e 2024 pela família. **Dessa forma, dentre as 20 casas moradas, algumas se caracterizam “mais lares do que outras”, por possuírem atributos próprios, evidenciadas na memória individual e coletiva da família, que remetem a uma proximidade e familiaridade a elementos da Casa da Vó (2003).** Os elementos presentes nestas casas como plantas, cores, texturas de paredes, cheiros, relações de ocupação com os espaços, como a permeabilidade das janelas, o uso das áreas externas como continuação do interior da casa, assim como o hábito de receber visitas, ainda que em um espaço físico limitado, são identificados e resgatados em outras casas. Apesar das mudanças, outro padrão é notado através do exercício cronológico: em relação a constantes voltas para casas próximas à casa da avó materna em diversos momentos da vida.

A grande Jacarepaguá: fragmentos afetivos da cidade

O atual bairro de Jacarepaguá localizado na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, possui uma abrangência muito diferente de como é compreendido, já que trata de um compilado de outros bairros: Pechincha, Taquara, Cidade de Deus, Tanque, Praça Seca, Freguesia de Jacarepaguá, Gardênia Azul, Anil e Curicica. Na verdade, Jacarepaguá foi desmembrado, em 1993, pelo prefeito César Maia, tornando esses núcleos urbanos como bairros próprios. Historicamente, o território inicial, abrangia todos os bairros citados anteriormente e se tornou a ‘Grande Jacarepaguá’, dividida em fazendas e em chácaras até os anos 60 após a colonização portuguesa.

A ascensão econômica de parte da Zona Oeste do Rio de Janeiro é recente. Na Grande Jacarepaguá, a hierarquia social-econômica se faz visível e é crescente desde o início dos anos 2000. Transitando desde a Freguesia, passando pelo Anil, Pechincha e Taquara, e depois Tanque e Curicica antes de chegar à Cidade de Deus e Gardênia Azul, a desigualdade entre classes médias e baixas (flutuando por diversos subníveis), se destaca diferenças de qualidade de vida marcadas por renda per capita, planejamento e manutenção do espaço urbano e residencial, arborização, infraestrutura e acesso à saúde e educação públicas e até moradia e segurança alimentar.

As razões que exprimem abismos de realidades em locais tão próximos geograficamente, como é o caso da Grande Jacarepaguá, são inúmeras e teorizadas por diversos autores, porém, aqui se objetiva o entendimento de todos esses fatores de desigualdade serem elementos contribuintes no pertencimento dos espaços, a cultura do local e a relação entre habitantes de diferentes locais (os bairros independentes) da Grande Jacarepaguá.

Apesar desses distanciamentos, o coabituar desse território ainda visto como um grande conjunto de bairros, gera identificação na construção coletiva de pertencimento, explicitada no presente trabalho, por experiências compartilhadas como pontos de referência, espaços coletivos de lazer que marcaram gerações e os hábitos e vivências característicos como sentar-se na calçada pela tarde ou reunir-se numa praça para um evento periódico da região. Compreendendo de 1999 a 2024, o enfoque desses atravessamentos é de um recorte localizado entre Pechincha, Cidade de Deus e Taquara.

A grande Jacarepaguá: fragmentos afetivos da cidade

Sem consultar as reais escalas e distâncias, o esboço de **uma cartografia sensível em escala-cidade foi criado a partir das memórias coletivas e os relacionamentos com a cidade**, tendo como base uma aproximação da malha urbana do entorno de todas as casas moradas. Os lares foram registrados de acordo com a percepção da distância entre elas, demarcando as vias que eram imprescindíveis em trajetos da rotina e sua hierarquia em relação ao território analisado. Durante o processo, decidiu-se marcar os pontos que foram reconhecidos por todos os participantes - e posteriormente, ao comparar o mapa da região, por meio de imagens satelitais (google maps), percebeu-se que alguns pontos e bairros não foram lembrados no trajeto entre as casas moradas. Mesmo assim, essas apreensões foram suficientes para construir o sentido de pertencimento entre bairros, espaços e elementos.

A elaboração deste mapa visa não apenas ser um mapa afetivo, mas também ilustrar as diferenças e desigualdades que existem entre bairros vizinhos da Zona Oeste do município do Rio de Janeiro. Este aspecto é fundamental, pois permite que se compreenda melhor as nuances sociais e ambientais que caracterizam esta região.

Na cidade Grande Jacarepaguá, por exemplo, observamos uma quantidade reduzida de vegetação, embora sua presença ainda seja representativa. Essa massa verde que sobrevive ali parece ter sido parte de um imenso habitat que provavelmente existiu naquela área no passado. As margens do Rio Arroio Fundo foram construídas, limitando o rio por vias urbanas e restringindo o seu espaço natural para deixá-lo sem vestígios de mata ciliar. Como se sabe, a força da urbanização descontrolada impacta o rio desde seus primórdios, utilizando-o como destino para esgoto sanitário, resultando em degradação ambiental significativa, precarizando e reduzindo a qualidade de vida das comunidades ao seu redor.

Nas regiões da Barra e do Recreio, que estão ilustradas na parte inferior do mapa, encontramos um cenário distinto. A proximidade das praias, lagoas e reservas naturais nessas áreas evidencia um planejamento urbano que preserva e valoriza essas características naturais. Essas regiões refletem um tipo diferente de urbanização que frequentemente está associado a uma outra classe social. O contraste entre essas áreas mais privilegiadas e as que enfrentam desafios significativos, como Jacarepaguá, evidencia a disparidade no acesso a recursos.

Entretanto, é essencial compreender que a análise urbana nesse contexto não se destina a oferecer uma leitura fiel do território. Em vez disso, busca-se uma interpretação da memória local e dos elementos que os atores externos do processo consideram relevantes na narrativa acerca da trajetória individual de cada um dentro da região. Os envolvidos têm a chance de destacar aspectos que, para eles, são significativos e que podem não ser imediatamente visíveis em uma análise puramente factual. Essa abordagem valoriza as narrativas pessoais e comunitárias, promovendo uma compreensão mais profunda e complexa do que significa habitar esses espaços.

Os bairros afetivos: o entorno dos lares

Dentre as 20 casas moradas por mim, as três reconhecidas como “mais lares do que outras” (Casa da Vó, Casa Bloco 6 e Casa Amarela), foram habitadas e vivenciadas em períodos de tempo diferentes, porém têm em comum a proximidade entre os bairros Taquara, Cidade de Deus e Pechincha, ainda que em espaços temporais diferentes, 2003, 2005 e 2022, respectivamente.

Com o intuito de demarcar trajetos e reconhecer pontos de grande importância para a compreensão do entorno na memória coletiva dos participantes externos envolvidos no processo, foi estabelecida, em consenso, **uma base em tons de azul**. Essa base representa a localização aproximada da residência principal, assim como ruas, rios e outros elementos que definem a região e a experiência vivida no espaço. Uma vez que esses marcos foram identificados, cada participante teve a liberdade de adicionar ao mapa o que considerasse relevante, buscando se imaginar no mesmo ano em que a memória estava sendo evocada.

A **Casa da Vó**, situada na Estrada Santa Efigênia, entre os bairros de **Taquara** e **Cidade de Deus**, era o lar em que se compartilhavam momentos significativos por mim, pelo avô Edir, pela avó Neide, pela minha mãe e pelo tio Nico, em 2003. Este foi o primeiro local a ser cartografado durante o processo de elaboração do mapa. A criação deste mapa transformou-se em uma tarefa familiar, na qual todos contribuíram com entusiasmo, marcando a localização das casas de outros parentes que residiam nas proximidades.

As pequenas rotinas diárias, como a ida à padaria para comprar pão fresco, a visita ao açougue para garantir a proteína das refeições e a aquisição do jornal na banca, eram para mim momentos de alegria, repletos de significados nostálgicos, especialmente ao lembrar que essas idas frequentemente resultavam na conquista de novos móveis de madeira para as minhas bonecas. Além disso, atividades cotidianas como ir até o ponto de kombi ou van para seguir para um destino específico, ou mesmo as rotinas de trabalho, também narram a trajetória da nossa família. Cada um desses detalhes não apenas ilustra a experiência de habitar essa casa, mas também revela como ela se transformou em um verdadeiro lar, repleto de memórias afetuosas e vivências compartilhadas.

O processo de cartografia da **Casa Bloco 6**, situada em um condomínio no Pechincha, a apenas uma rua de distância da Cidade de Deus, foi um momento especial compartilhado por mim, minha prima Giovanna — que ainda reside nesse mesmo local — e as irmãs Letícia e Larissa, minhas vizinhas e amigas de infância desde 2005. Sem dúvida, a tarefa mais desafiadora foi relembrar os locais que se estendiam além da rua onde se encontra o conjunto habitacional, considerando que, na época, éramos ainda crianças, com idades variando entre 5 e 7 anos. Nossa vivência estava, portanto, restrita aos muros do condomínio, a bordo de carros particulares, ou caminhando ao lado de adultos.

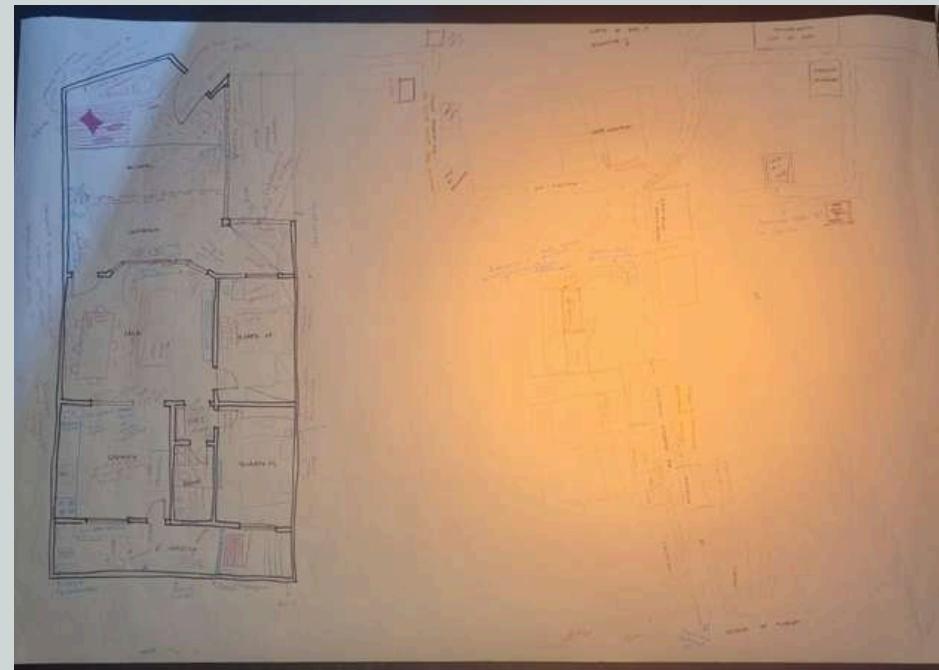
Os bairros afetivos: o entorno dos lares

Entretanto, mesmo com essas limitações, conseguimos identificar alguns pontos que, ainda permanecem até os dias atuais, tanto nas ruas adjacentes quanto, principalmente, em áreas dentro e ao redor do edifício. Esses locais se tornaram o cenário de nossas brincadeiras, espaços onde vivemos momentos que marcaram nossa infância e fortaleceram os laços de amizade e afeto que compartilhamos. Este exercício de lembrar e cartografar não só recuperou a geografia física de nosso cotidiano, mas também reviveu as emoções e a dinâmica de uma época que, embora distante, permanece vívida em nossas memórias.

Localizada em uma posição geográfica central entre **Taquara**, **Pechincha** e **Cidade de Deus** ou as duas casas mencionadas anteriormente, a **Casa Amarela**, onde habitamos em 2022, proporcionou a mim e a Lucas, meu companheiro, novas reflexões sobre a vida adulta e o cotidiano. Embora não exista a ludicidade que permeia uma casa da infância, há uma busca constante por recuperar elementos que contribuíram para a formação da individualidade de cada um de nós.

Com o início deste processo, após a localização da casa e a delimitação do entorno imediato, o primeiro traço a ser delineado em conjunto foi o percurso até a pizzaria e o mercadinho, uma atividade que realizávamos frequentemente aos domingos, quase como um ritual que marcava o início da nossa semana. Essa tradição não apenas simboliza um momento de prazer, mas também reafirma a importância do cotidiano em nossa nova vida.

Ademais, a proximidade com entes queridos e os trajetos até as suas casas também passaram a protagonizar a narrativa do nosso dia a dia. Assim como na infância há uma certa mágica em atividades simples, durante nosso tempo nessa casa, momentos penosos, como a caminhada diária pela ladeira sob um sol escaldante, adquiriram um novo significado, revelando-se como experiências valiosas na construção de um lar.



Resultado final da Cartografia Afetiva da Casa Amarela. Fonte: acervo pessoal, 2024.

os lares: memórias afetivas das casas habitadas

Nesta última fase do processo colaborativo, em que **a escala se desloca do bairro — o entorno das casas habitadas — para o interior das residências**, é necessário um maior nível de concentração e imersão no trabalho. Isso se justifica pela natureza das casas em questão, que, com exceção da Casa Amarela, habitada recentemente em 2022, foram conservadas na memória de crianças e adultos, agora adultos e idosos, respectivamente. Passados 20 anos, existe um certo distanciamento, bem como uma tendência a idealizar ou fantasiar sobre o que é real e o que não é.

Diante dessa realidade, nesta fase do processo, a planta das casas foi apresentada aos participantes externos de forma prévia, elaborada por mim. Desde o início deste Trabalho Final de Graduação na FAU, venho realizando um contínuo exercício de desenho e redesenho dessas casas, junto a metodologia de cronologia e cartografia afetiva. Tal abordagem foi desenvolvida de forma que as memórias surgidas pertencessem apenas às dimensões, alturas e outras características materiais dos lares habitados, promovendo assim um **diálogo mais autêntico e significativo com as memórias individuais de cada um dos atores envolvidos**.

espaço-casa: casa amarela

(pechincha, 2022)

A nossa casa amarela foi o nosso primeiro lar morando juntos, então ela tem um espaço especial no meu coração. Era uma casa bem localizada, perto das duas famílias, dos nossos amigos e tinha o tamanho perfeito pra gente, com quintal onde as cachorras adoravam ficar e uma área externa com churrasqueira onde fizemos muitas reuniões. Nós adoramos receber visitas, então aquela casa ficou bastante marcada por presenças diversas de pessoas que nos amamos. [...] Outra característica marcante é que ela ficava numa grande e íngrime ladeira, todo mundo que foi lá comentava sobre isso. A rua tinha alguns comércios e os pontos principais eram a academia, o mercado Prezunic e a pizzaria Paulo Pizza. Faziam parte do nosso dia a dia, desde se exercitar ao sentir o cheiro de pizza quentinha na volta pra casa. (depóimento de Lucas, o namorado)



Fachada Casa Amarela. Fonte: acervo pessoal, 2022.

espaço-casa: casa amarela

(pechincha, 2022)

Em uma rua movimentada e caótica, próxima de uma esquina emblemática e limítrofe entre Cidade de Deus e Pechincha, um portão de vila é comprimido entre muros altos que escondem condomínios e vegetação do entorno. A entrada para a vila divide espaço na calçada com o comércio local, que passava constantemente por reformas, alternância entre salões de beleza, loja de cortinas e pet shop e consequentemente, inaugurações e faixas de lona de “sob nova direção”. Aos fins de semana, o desafio era ultrapassar letreiros nas calçadas para chegar na primeira parada, o mercadinho, e comprar refrigerante, seguindo para a pizzaria mais antiga da região, a segunda e última parada antes de retornar.

A proximidade geográfica de familiares facilitava visitas recorrentes que se tornaram parte da rotina. Lucas, o namorado, visitava seus pais às quintas-feiras para o tradicional café da tarde antes da pelada com os amigos, também próxima da residência do casal. Enquanto isso, nas quintas e em outros dias, eu (Carol) percorria 5 minutos para ver meus

avós ou minha prima, apenas duas ruas ao lado. A verdade é que, apesar de nos locomovermos em direção às pessoas que amamos, o costume era que eles viessem até nós.

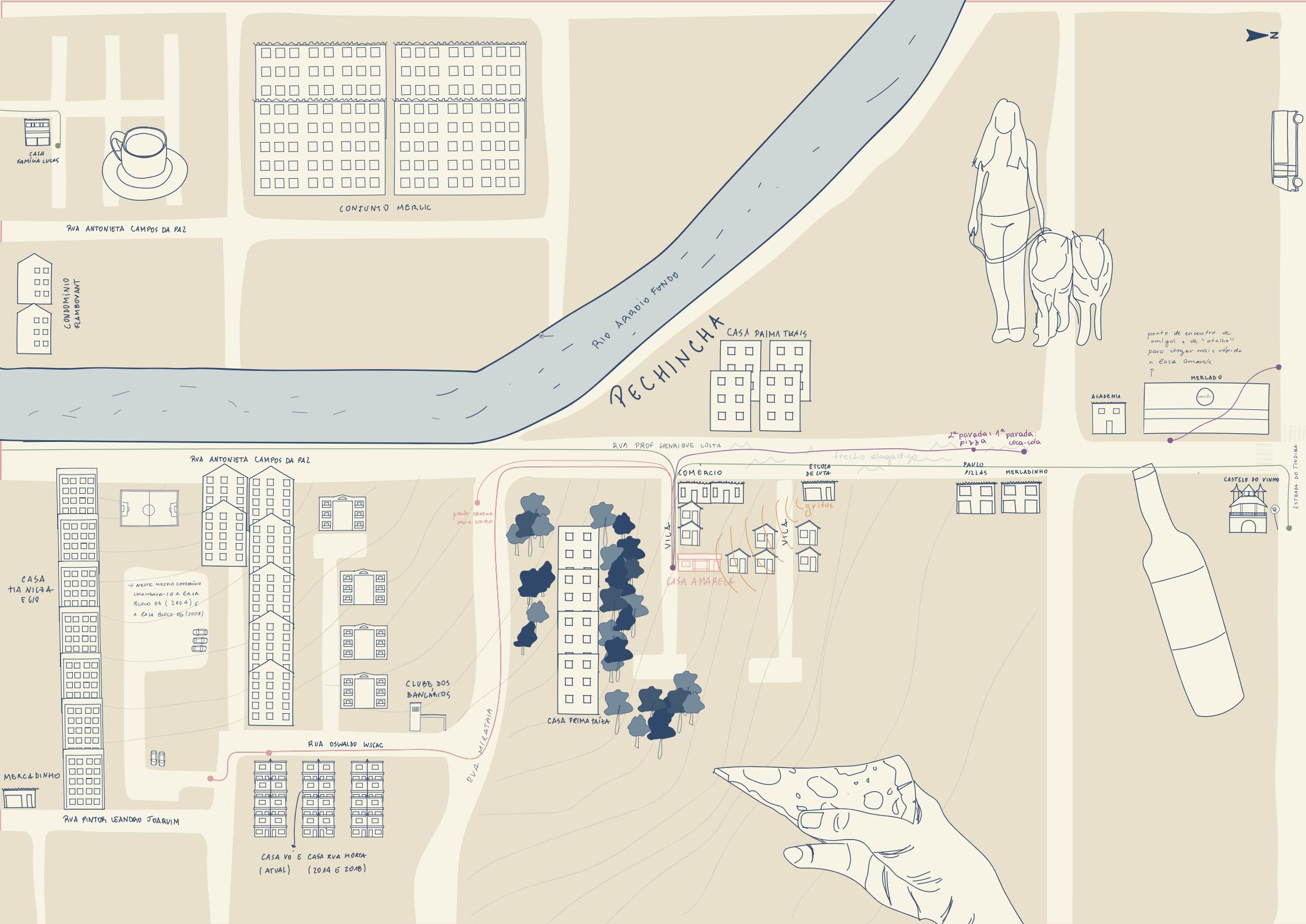
Adentrando a vila, nos deparávamos com um aclive íngreme, onde subíamos quase deitados, causando desconforto e comicidade até para receber visitas, por trás de um muro amarelo, havia uma casa térrea, com um amplo quintal, 2 quartos e 1 banheiro, parecia abrigar o tamanho do sonho de um casal de ter seu lugar no mundo. Dessa forma, amigos e familiares enfrentavam o desafio da subida para reuniões, confraternizações e até mesmo para usar a calçada para lavar o carro, como meu pai fazia com frequência.

Um portão de madeira, um jardim com uma palmeira torta e plantas espinhosas e um caminho feito por tábuas de dormente de trem bem envernizadas são o exterior que precede a uma varanda coberta, que continha uma churrasqueira e todo o espaço restante era preenchido por um informal *laboratório de mudas de plantas*, palco para o hobby que explorei nessa casa.

Aproximadamente 20 metros quadrados, o espaço intermediário comportou a superlotação de amigos, familiares e cachorros em dias de jogos de futebol, churrascos, alguns aniversários elaborados com decorações temáticas ou feriados, banhos de mangueira e a piscina inflável infantil da filha de uma amiga querida.

Entrando na sala, a visão era ofuscada porque era escura, fria e úmida. Um dia, decidimos pintar a parede meia parede de verde e instalar quadros e objetos significativos na parede principal, (alguns deles foram produzidos pela família, outros trouxemos de viagens e outros oferecidos como presentes), mas a parede era tão úmida que mal suportou um prego. Apesar da dificuldade, os objetos e quadros foram instalados, assim como pinturas em meia parede foram feitas, para trazer aconchego e afetividade a essa casa.





espaço-casa: casa amarela

(pechincha, 2022)

O sofá, que era a uma das camas disponíveis para visitas, muito versátil, sendo trocado de lugar de acordo com a necessidade, também era local de refeições tradicionais da família como pipoca, lasanha e comida mexicana. A TV na sala, por sua vez, também possuía protagonismo, durante a semana, acompanhava o expediente de home office da mesa da sala e também as refeições, frequentemente interrompidas por gritos provindos da academia de artes marciais ali próxima. Aos fins de semana, seu uso era principalmente para jogos de futebol e festas com karaokê. Já a *cozinha*, em configuração americana, possibilitava a dinâmica nos eventos sociais. Enquanto fazíamos caipirinhas na bancada da cozinha, era possível bater papo com quem estivesse sentado no peitoril da grande e única janela da sala ou sentado à mesa, comendo churrasco.

Nessa trajetória de quase 2 anos na casa, trocamos de quarto muitas vezes. Os dois quartos eram iguais espacialmente, de aproximadamente 8 metros quadrados, paredes brancas recém pintadas, piso laminado claro (daqueles que estalam conforme andamos), pé direito alto.

O que os diferenciava, além da vista, um estava situado para a varanda coberta da casa, outro para a área de serviço nos fundos. A presença de guarda roupas fixos, no primeiro, além do calor em diferentes horários do dia em ambos cômodos, que por vezes era suprido somente com o ar condicionado que só o segundo quarto possuía. Assim, esse se tornou uma espécie de depósito e closet com o tempo, abrigando também móveis de escritório, malas e caixas, que mudaram constantemente de lugar entre si. Estávamos vivendo no quarto de trás, onde era mais fresco. Na busca de tornar o espaço funcional e aconchegante, improvisamos uma mesa para estudos, instalamos uma TV e mesas de cabeceira. Apesar de agradável, o quarto era coabitado por nós com lacraias que migravam do banheiro, cuja porta era próxima à porta do quarto.



pipoca (cachorro)

jujuba (cachorro)

carol

lucas (namorado)

cav e lucas

VILINHO DEOLÉCIO

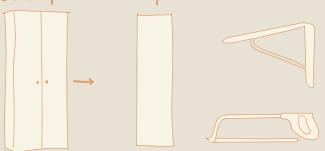


CORREDOR CASA FUNDOS

meia parede verde e branca



mesa feita com porta de armário



cama visita

laboratório de mudas

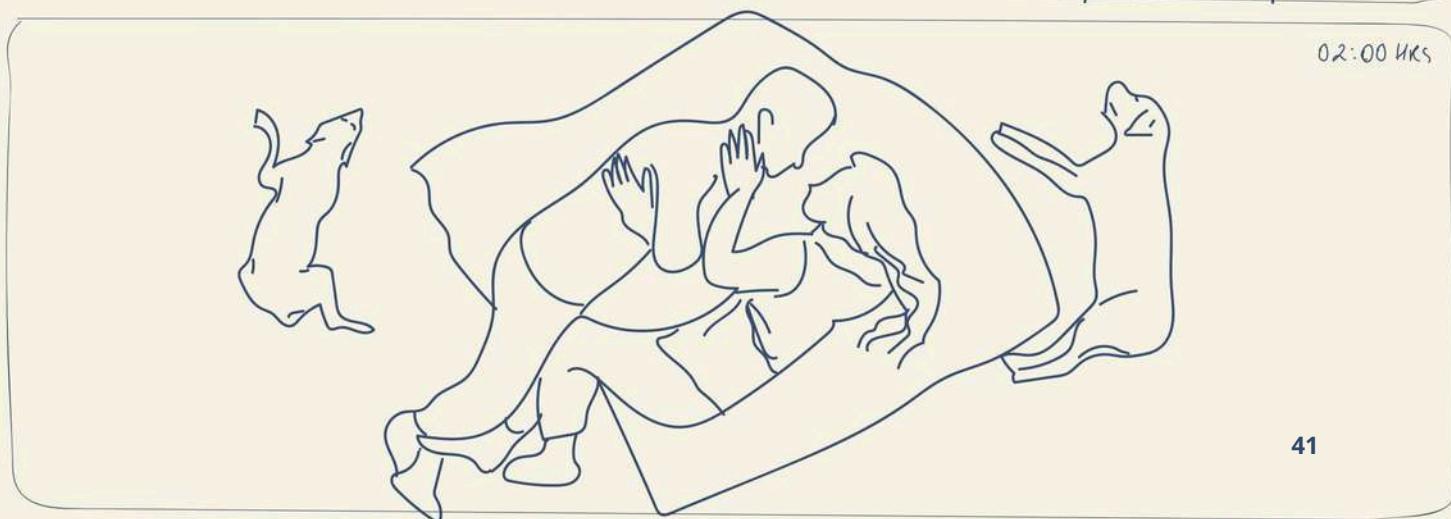
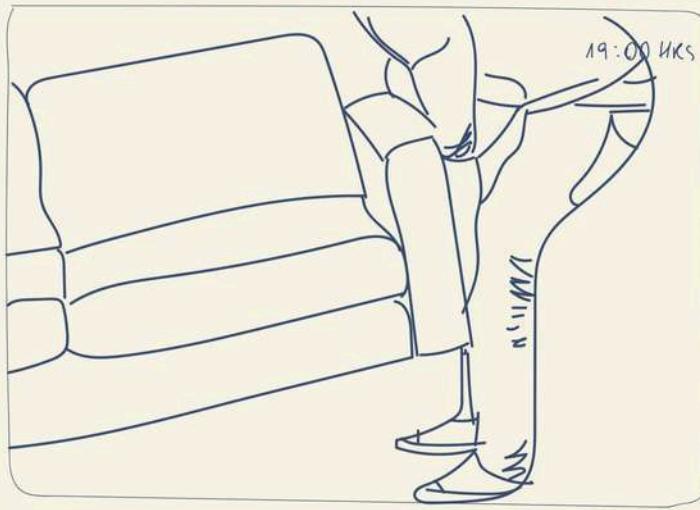
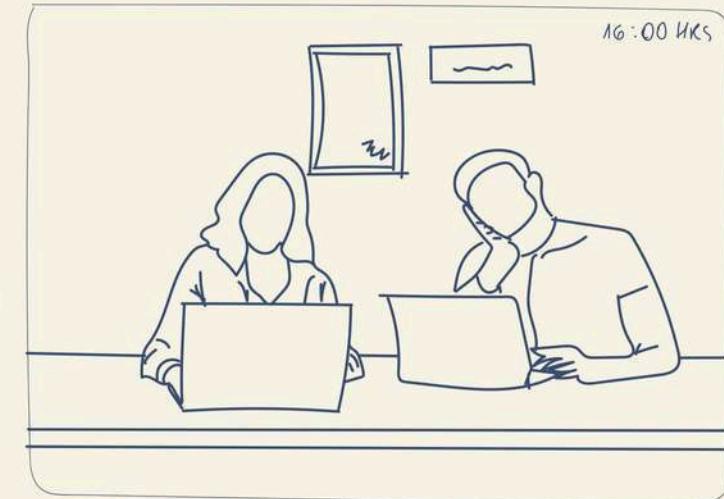
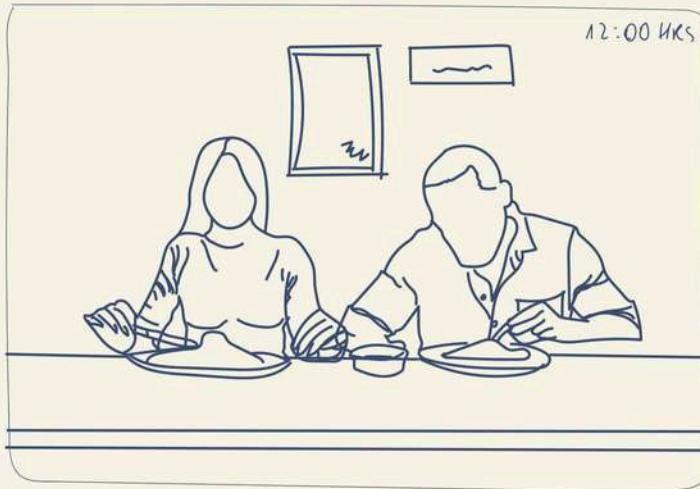


VILINHO GOMES

A Casa Amarela, por sua vez, revelou muitos aspectos intrinsecamente ligados às minhas funções, saudades e desafios vividos dentro do lar, assim como às experiências de Lucas. Naturalmente, o trajeto que nossas cachorrinhas, Jujuba e Paçoca, de 9 anos — adotadas no período em que residi na Casa Duplex, em 2015, com minha mãe — percorriam dentro da casa também representa nossa experiência compartilhada. Elas sempre buscavam estar próximas, oferecendo companhia e conforto durante a rotina agitada da semana, tornando-se parte essencial do nosso cotidiano e das memórias que formamos nesse ambiente.

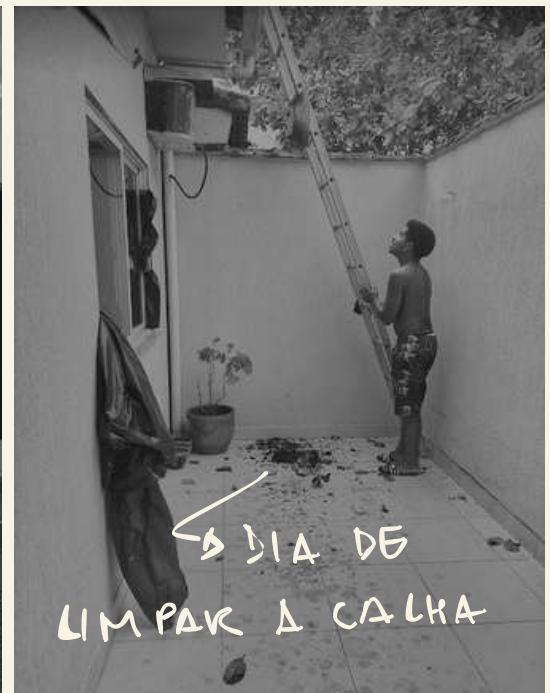
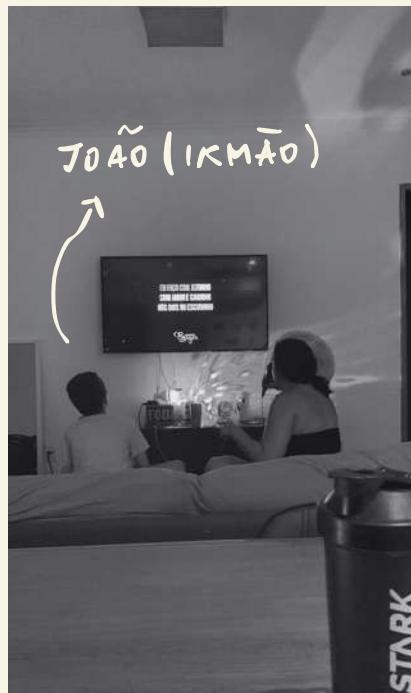
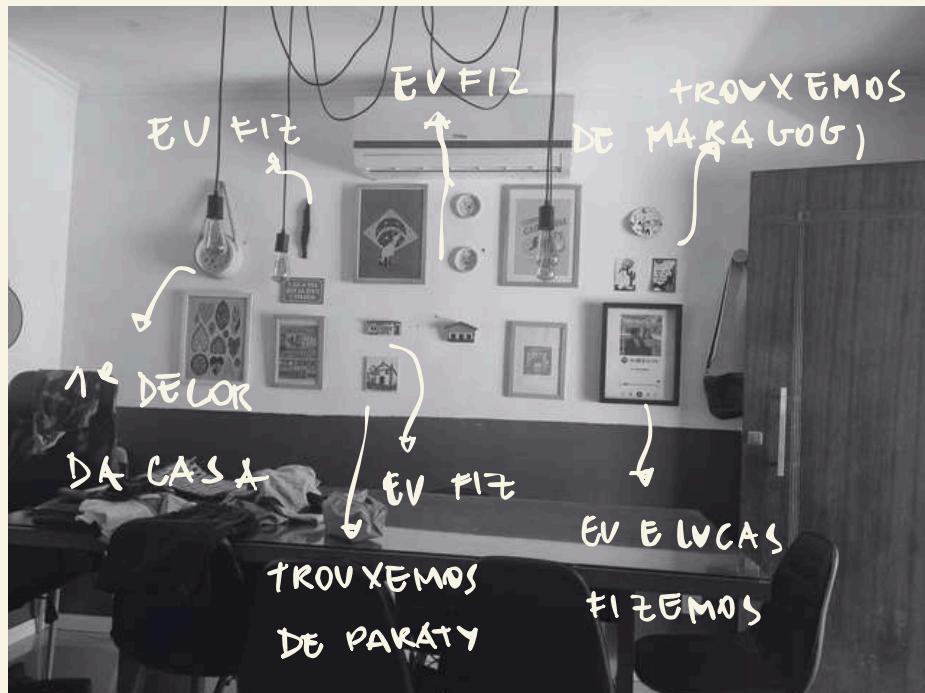
Além da base azul que simboliza os elementos em concordância, outros aspectos foram destacados em um tom laranja, representando as tarefas e as memórias que criamos em conjunto, embora não tenham feito parte da nossa rotina diária. Essa distinção cromática reforça a ideia de que, mesmo nas atividades que fogem ao habitual, temos a oportunidade de construir momentos significativos e afetivos que contribuem para a nossa vivência no espaço da Casa Amarela.

às sextas





Registro Natal 2023. Fonte: acervo pessoal, 2023.



espaço-casa: bloco seis

(pechincha, 2005)

O condomínio, que foi cenário da nossa infância, pra mim é um lugar único, e eu sei que a razão disso são as memórias que temos. Ainda hoje, residindo nele, quando passo pelo bloco 6 procuro as árvores que a Tia Neide plantou. Quando você morou aqui, eu era muito pequena, mas as fotos completam toda a afetividade que compartilhamos pelo local. [...] Na verdade, a nostalgia de ficar buscando momentos que já passaram e poder revisitá-los todos os dias, indo e voltando de casa de uma rotina corrida, é uma das principais coisas que acalmam o desânimo de subir essa ladeira. Olho em volta e lembro de fazer comidinhas com todas as flores que dava pra catar, de descer rampas de skibunda e também de te seguir por aí, como faço até hoje. (depõimento de Giovanna, prima da autora)



Autora posando em frente a janela da sala do apartamento, onde costumava sentar com as amigas. Fonte: acervo pessoal, 2005.

espaço-casa: bloco seis

(pechincha, 2005)

Entre os bairros Cidade de Deus, Taquara e Pechincha, a localização “Porta do Céu” marca uma fronteira. Para quem pensa que a entrada para o paraíso indica o início de um bairro “superior”, no caso, Pechincha, o nome dá-se por uma antiga padaria que existiu no local. Nesse ponto, a Estrada Marechal Miguel Salazar Mendes de Moraes, é o limite entre os bairros e para muitos, assim como para minha família, representou uma chance de melhoria da condição de habitação e qualidade de vida.

A uma rua de distância da Cidade de Deus, ou da Estrada Miguel Salazar, como chamamos, percorríamos a Rua Pintor Leandro Joaquim para chegar ao condomínio. No trajeto, um sítio abandonado que possuía um caráter quase fictício para uma menina de 6 anos, poderia esconder diversos contos de terror, pois era escuro e abrangia um grande trecho da rua.

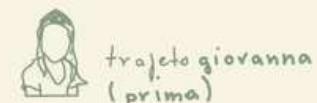
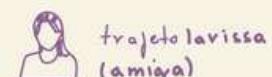
Passado o lote, o vasto número de comércios locais com proprietários marcantes como o Seu Murilo, Edna e ‘Piu’ fizeram parte de memórias essenciais da infância. Comprar doces a caminho do ponto de ônibus, ir com a avó no mercadinho buscar o ingrediente de alguma receita de lanche da tarde e até comprar itens de papelaria para a escola ou para comemorar o aniversário de uma boneca.

Novamente, nessa casa, além morar no mesmo condomínio que familiares, outros moravam algumas ruas de distância, como vó Luiza (bisavó), tia Nádia (tia-avó), Tio Clóvis (tio-avô) e seu salão de cabeleireiro, logo a frente a ‘porta do céu’ e vó Neide, na Estrada Santa Efigênia, a alguns minutos a mais de caminhada. A comunidade familiar no espaço geográfico se fez essencial na criação e manutenção de laços, principalmente com as primas com idade próxima.

No conjunto habitacional cinza com listras pontuais em verde, distribuem-se 7 blocos de 5 pavimentos na parcela esquerda do terreno de aclive acentuado, enquanto as inúmeras vagas de estacionamentos ocupam a parcela

da direita, posicionadas na parte da frente dos blocos. A quadra esportiva, localizava-se perto dos primeiros blocos do conjunto. O apartamento morado era, também, locado por um familiar, Tio Beto (tio-avô). Durante o tempo de residência, nos dois blocos vizinhos, moravam dois outros núcleos da família materna.

As relações de amizade criadas e cultivadas nessa época se mostraram duradouras e foram protagonistas de memórias afetivas.





espaço-casa: bloco seis

(pechincha, 2005)

A Casa Bloco Seis, um apartamento de pouco mais de 40 metros quadrados, 2 quartos e 1 banheiro, localiza-se no térreo do edifício e tem uma relação de continuidade com o exterior do apartamento. Utilizado como extensão da sala, o corredor interno do edifício, extrapolavam os limites do nosso apartamento. As comemorações e os pedaços de bolo chegavam às mãos até mesmo da vizinha que reclamava das crianças brincando até tarde no corredor. Este mesmo corredor extenso, com pintura em meia parede branca e verde, se tornou escola, passarela para desfile, quadra, ciclovía, cozinha e palco, quando necessário, sob o ponto de vista das crianças.

A sala, retangular e estreita, com uma única janela ao fundo, permanecia iluminada por luz natural e também pela luz proveniente do poste existente no corredor de acesso externo ao edifício. O corredor externo de acesso ao edifício, que possui no máximo 1,5 metros de largura, por onde crianças andavam de bicicleta sem rodinhas pela primeira vez e corriam despreocupadas.

Nivelado a esse corredor, a parte mais baixa do aclive dá início a um gramado, que se nivela com o corredor externo do edifício seguinte, servindo como ponto de partida para crianças corajosas junto a seus pedaços de papelão, descerem o desnível em uma variação de “skibunda”.

As janelas da sala posicionadas no percurso do estacionamento até a entrada do edifício recebiam chamados de crianças e olhares curiosos de estranhos para o interior do apartamento, que estranhavam uma sala vazia e sem TV, com apenas dois móveis: o primeiro sofá da família, amarelo e robusto, e uma mesa quadrada de tampo de vidro com 4 cadeiras. O peitoril da janela, era utilizado como um assento, já que esta tinha grades de proteção, que permitiam a minha interação rotineira com as crianças no corredor de entrada do edifício, a ponto de ter um surto de catapora iniciado neste local.

Há uma grande dificuldade de resgatar detalhes desse quarto, porque as relações construídas nessa casa foram, principalmente, construídas na sala, no peitoril da janela, no corredor do edifício. A entrada do corredor externo quase alinhava-se à janela do meu quarto, por isso, esta permanecia fechada na maioria do tempo.

O quarto composto da bicama de cabeceira branca e guarda roupa permanecia escuro e privado. Já o quarto de minha mãe, composto de uma cama de casal, cujas extremidades encostaram nas paredes, possuía uma cômoda (adquirida em casas moradas anteriormente), que guardava seus pertences e suportava uma TV de tubo, e um guarda-roupa. Era comum que, durante a semana, enquanto minha mãe estava trabalhando fora de casa, a TV fosse utilizada para assistir aos meus programas favoritos junto a amigos, que me acompanhavam do lado de fora do apartamento, pela janela.



lariissa (amiga)



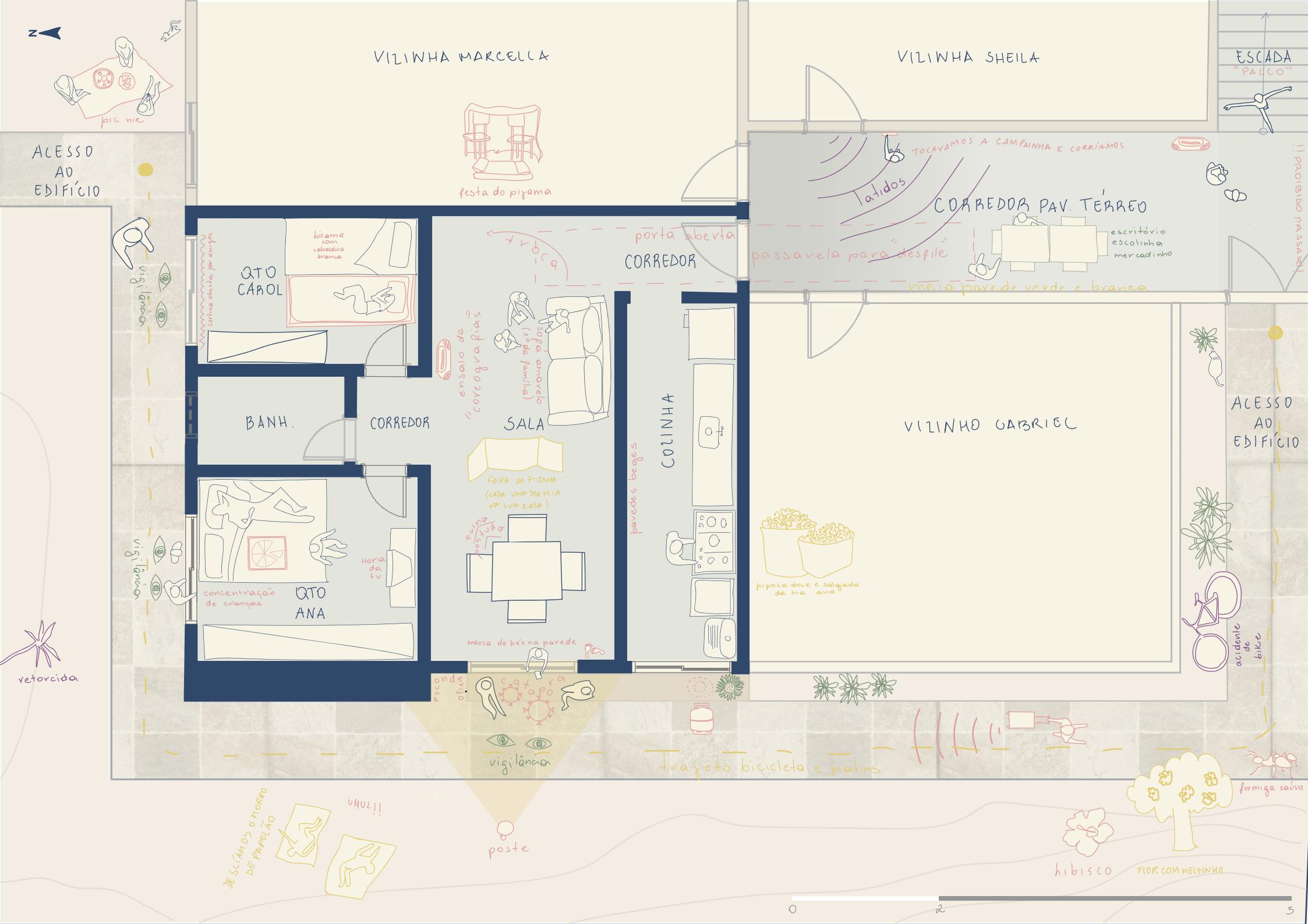
letícia (amiga)



giovanna (prima)



carol

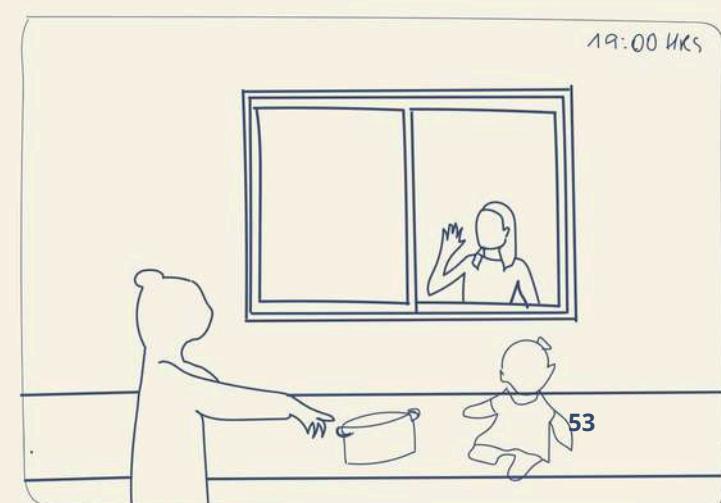
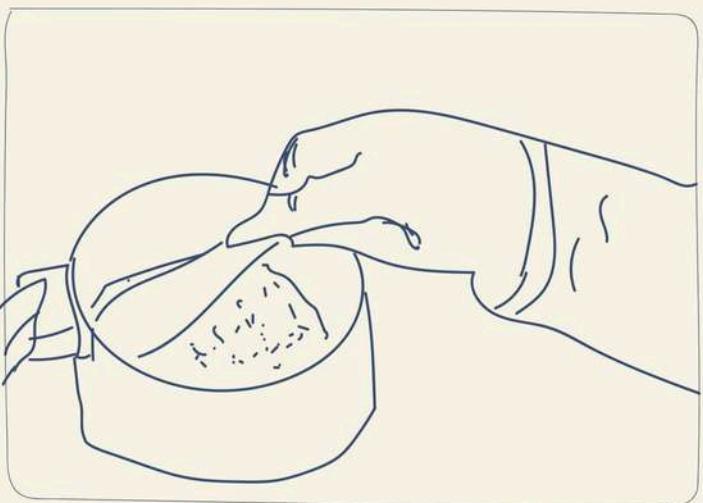
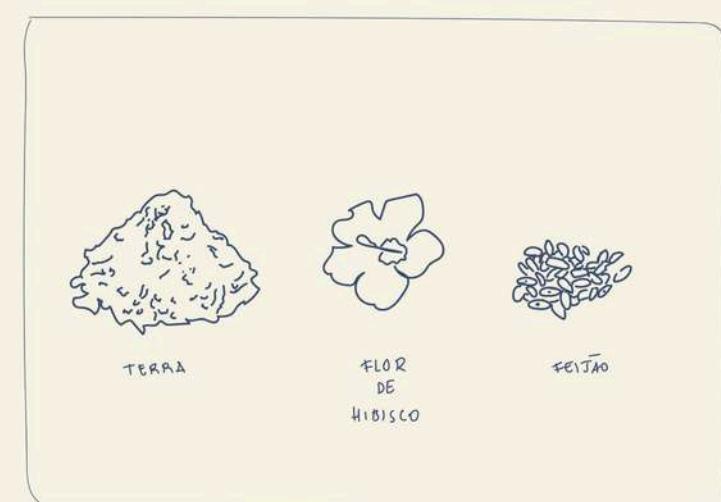
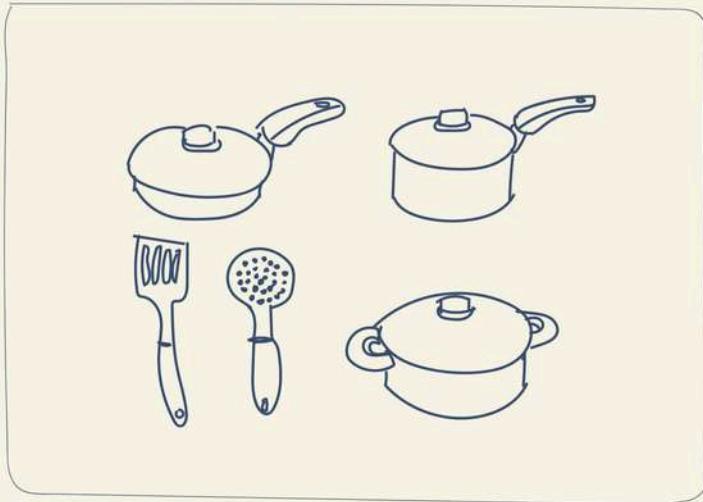
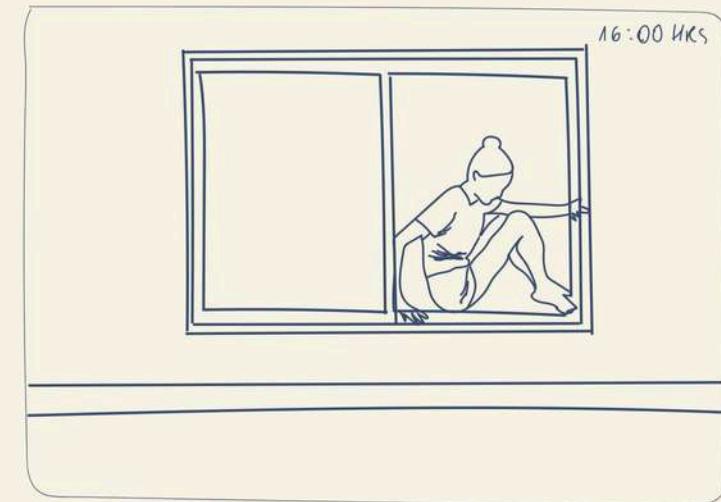
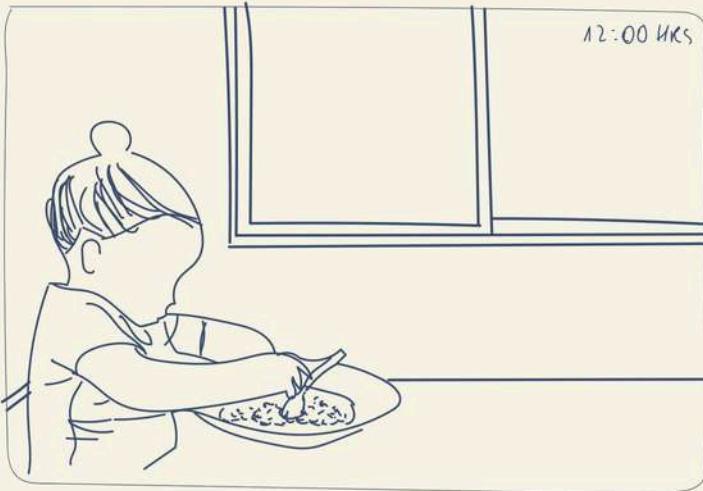


espaço-casa: bloco seis

(pechincha, 2005)

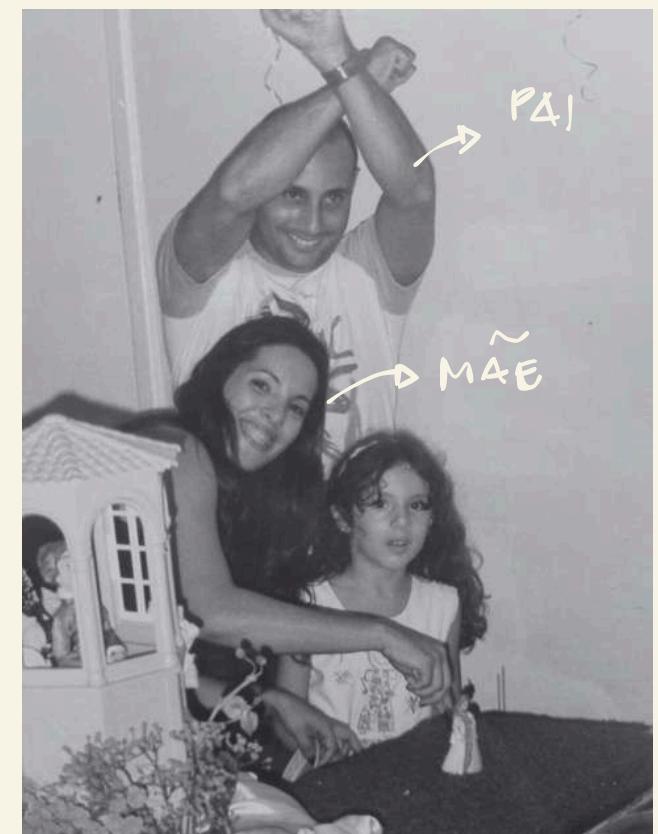
Assim como cartografar o entorno da **Casa Bloco Seis** foi possível por meio das brincadeiras, o interior do apartamento não foi diferente. Isso porque havia uma grande relação do apartamento com o exterior do condomínio - corredor interno do edifício e externo de entrada para o mesmo- que permitia que esse apartamento, na ausência de minha mãe, parecesse infinito pelas portas e janelas abertas. Além disso, tenho poucas lembranças do meu quarto, como se o cotidiano tivesse acontecido somente na sala e na janela da sala. Sendo assim, os atores externos, nesse caso, contribuíram como visitantes assíduos da casa e viram o local com grande importância na construção da identidade individual.

“panelinha”





Registro Aniversário 2005. Fonte: acervo pessoal, 2005.



Memórias na Casa Bloco 06, no salão de festa do condomínio e na escola, no mesmo ano. Fonte: acervo pessoal, 2005.

espaço-casa: casa da vó

(taquara, 2003)

A casa da Santa Efigenia era ótima pra aquele momento. Era o que precisávamos no momento. E acertamos depois de ver várias. Foi paixão imediata. Inclusive porque fomos ver depois do almoço, e seu avô havia tomado umas cervejinhas e deu até uma deitada no chão do quarto. Apagou. Quase larguei ele lá, estava confortável! [...] Tinha os 3 quartos como a casa anterior, térrea, exceto a área de serviço. Garagem para o fusca. E uma boa área pras minhas plantas. A piscina veio depois como doação do tio Clóvis (em memória) pra criançada, e naquela ocasião virou o local de lazer da família. Lá comemoramos muitos aniversários, fizemos churrasco e festas natalinas. (depóimento de Neide, a avó)



Tio Vinícius segurando primo Lucas no quintal da casa da vó. Fonte: acervo pessoal, 2004.

espaço-casa: casa da vó

(taquara, 2003)

O lote localizado no bairro da Taquara, faz divisa e compartilha o cotidiano com as extremidades da Cidade de Deus e Curicica, sendo considerado uma parcela esquecida daquele bairro que o nomeia. Ao passar pela Estrada Santa Efigênia, uma casa em estilo colonial chama atenção, por ser o pedaço remanescente de um passado distante, que destoa do entorno de construções recentes e em sua maioria, menores, subdivididas, sublocadas. Pertencente a essa casa, havia um portão singelo de ferro pintado de preto, na extremidade à esquerda do muro, no limite do lote, que marcava a entrada para um corredor, onde ao fundo conseguia-se enxergar um fusca bege estacionado. Esta era a entrada da Casa da Vó.

A poucos minutos de caminhada, se chegava a casa da vó Luíza (bisavó), assim como da tia Nilza e outros familiares. Apesar de um entorno fabril e hostil de uma Estrada dos Bandeirantes carente de intervenções urbanísticas, era comum percorrer a pé aos destinos corriqueiros: mercado, igreja e clube

onde fazia aulas de natação, mesmo que o preço fosse, por vezes, sapatos enlameados ou barrentos. Passeios comuns, cujo trajeto era percorrido de kombi, era o centro do bairro Taquara ou Madureira, onde os comércios atendiam as necessidades da avó ou mãe e a lanchonete e lojas de brinquedos atendiam os desejos da neta e filha. O quarteirão era explorado em missões de busca, quase semanais, pela gata fujona do tio Nico (Vinícius), vinda de uma longa linhagem de fêmeas chamadas 'Princesa' e machos chamados 'Seninha'.

A entrada na casa era anunciada pelo ranger do portão preto de ferro ao ser aberto. Logo era percebido o cheiro doce que exalava advindo da fábrica de torta atrás da casa. O quintal-corredor de aproximadamente 2,5 metros de largura, era o suficiente para comportar a passagem do fusca bege do avô entre a garagem e a rua, apertada entre muros que limitavam a casa e de um lado, continha janelas da casa do proprietário do terreno onde localizava-se a Casa da Vó. O grande muro que se formara nesse caminho, tornou-se um grande mural colorido em parede chapiscada, com pinturas de mãos e assinaturas de familiares, produzidas

principalmente em datas comemorativas, quando o espaço vazio do corredor era preenchido por uma piscina de lona de 3000 litros, cadeiras de plásticos e isopores com bebidas e churrasqueira de metal sobre rodízio.

O chão, feito de cacos irregulares e desalinhados de granito bege e preto, implicava em alguns tropeços, caídas de bicicleta, mas não impediu a movimentação frenética de uma casa vivida.





espaço-casa: casa da vó

(taquara, 2003)

A sala, um retângulo frio e escuro sem janelas, localizada entre o quarto dos avós, era seguida pelo corredor que dava acesso aos outros cômodos da casa. Ao fundo, a estante em madeira que abrigava todos os objetos inimagináveis em seus nichos e prateleiras, como fotografias, jogos de louças nunca utilizados, muitos CDs e livros, uma TV de tubo, e atrás dela outros objetos, como chapas de madeiras usadas para desenhar pistas de corrida de carrinho e uma poltrona dobrável. Além disso, os dois sofás encapados de tecido azul marinho pela avó, uma mesa de jantar de quatro lugares e uma escrivaninha com o computador do vó, preenchiam e atravancam a circulação da sala, que atingia lotação máxima quando, ao final do dia, todos da família se encontravam no cômodo e eventualmente disputavam por um assento. Dentre esses móveis, nenhum possui local fixo, pois a organização espacial da sala mudava frequentemente devido às novas necessidades dos moradores ou para atentar a quantidade de visitas.

Uma pequena mesa redonda, por sua vez, não fazia parte dos móveis fixos da sala, uma vez que era utilizado em outros cômodos e estava sempre incluída nas brincadeiras de criança, apoiando livros de estudo ou bolos de aniversário.

No interior da casa, um corredor com largura de um metro e extensão imprecisa, fazia a ligação entre o quarto dos avós, a sala, os dois quartos remanescentes, banheiro e cozinha. Apesar da escuridão e umidade, havia uma permeabilidade entre os cômodos e esse corredor, que permitia que o mesmo fosse cenário de brincadeiras com velotrol, cozinha sobre rodinhas e carrinhos puxados por cordas, mas também possuía utilidade como espaço de tarefas domésticas como passar roupas limpas ou conversas com quem estava em outros cômodos.

Assim como os outros dois quartos da casa, este quarto também foi compartilhado por duas pessoas, nesse caso, mãe e filha, dividiam o mesmo espaço. O quarto, que não ultrapassa 9 metros quadrados, tinha sua metade tomada por uma grande cabana infantil, brinquedos e um guarda-roupa de segunda mão. Na outra metade, havia uma

bicama de cabeceira branca em madeira posicionada à esquerda, abaixo da janela, à frente de uma cômoda adquirida em uma casa anterior a esta.

As cores neutras na parede, a falta de móveis suficientes para as duas e a bagunça causada por brincadeiras que atrapalhava a circulação no quarto, entregavam a dificuldade de equilibrar as necessidades de uma mulher adulta e uma criança num mesmo cômodo. No entanto, os detalhes como uma cortina azul marinho com imagens de luas e estrelas amarelas, costuradas pela avó, demonstravam que ali havia zelo e amor.





espaço-casa: casa da vó

(taquara, 2003)

O segundo pavimento era acessado por uma escada estreita e com degraus de espelhos irregulares. O espaço dividia-se em dois, sendo um para serviços domésticos, com instalações de área de serviço e caixa d'água, e o outro um espaço de múltiplas funcionalidades. Este salão, que cheirava a doces, continha uma esteira para exercícios físicos, mesas de apoio e uma churrasqueira sobre rodízios, feita sob encomenda por um vizinho serralleiro. O amplo salão sediou eventos familiares épicos, mas com o tempo, caiu em desuso pela falta de acessibilidade que dificultava a presença da matriarca, vó Luiza, já em idade avançada.

Como mencionado anteriormente, o desenho técnico e a mão livre da arquitetura esteve presente durante todo o processo de construção da cartografia da Casa da Vó. Assim, prevaleceram os desenhos elaborados por mim, diferenciando as lembranças de meus avós, Edir e Neide, que solicitaram que eu desenhasse por eles.

Entretanto, fez-se questão de que cada lembrança individual fosse representada por uma cor única, carregando consigo a importância e o valor pessoal de quem a evocou. As plantas do térreo e do terraço passaram por diversas modificações até que alcançassem uma semelhança tão fiel quanto possível à realidade vivida. Isso permitiu que minha avó, Neide, que habitava a casa naquele espaço-tempo, pudesse visualizar-se novamente naquele ambiente, preparando bolos de cenoura para a família, ou montando a piscina inflável de 3.000 litros antes do aniversário do tio Nico, no dia 3 de dezembro, um momento do ano que era sinônimo de festa e que se encerrava somente ao final do verão. Da mesma forma, meu avô, Edir, também recordou o trajeto que eu costumava percorrer com meu velotrol pela casa durante o dia.

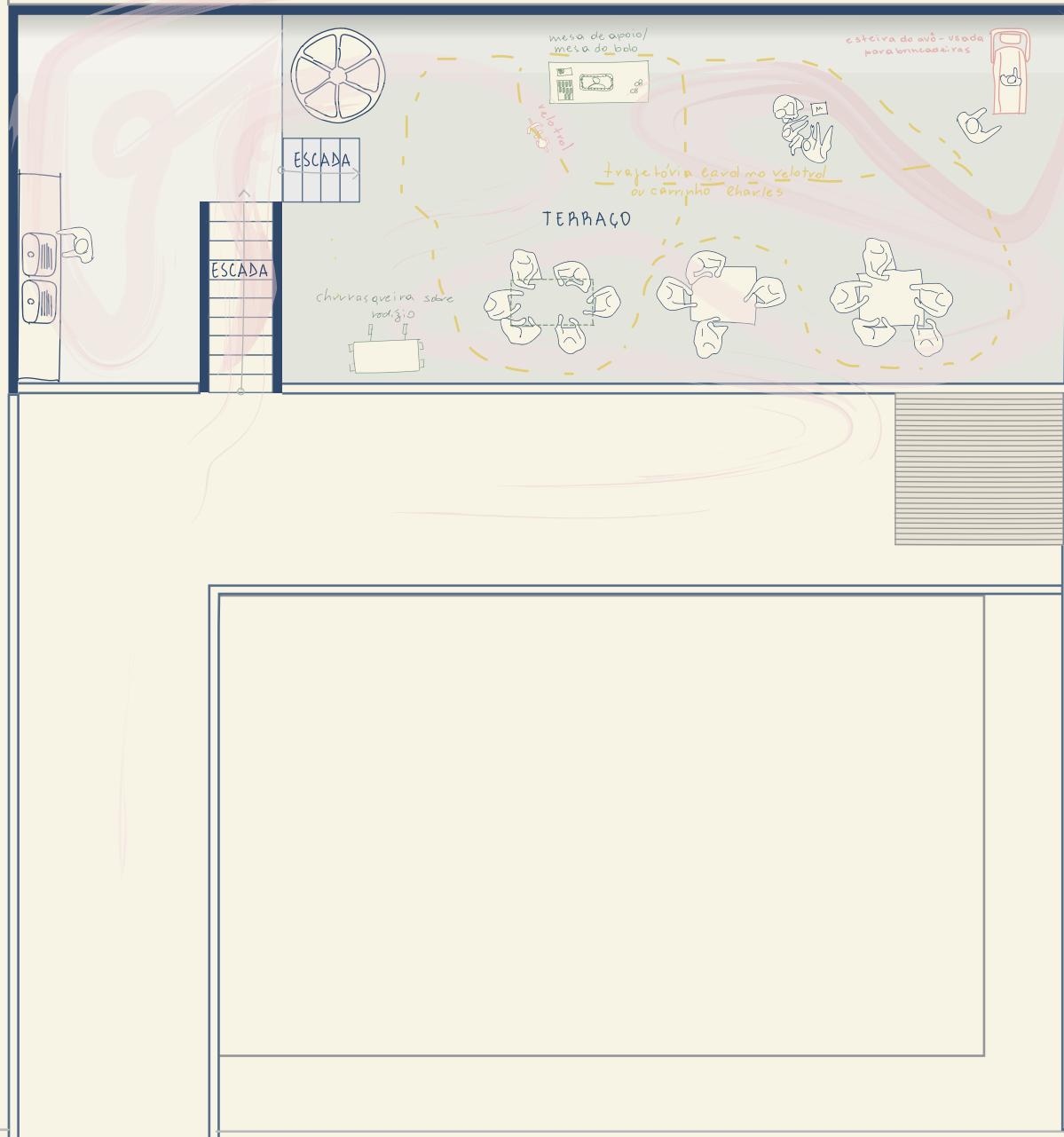
À medida que avançávamos nesse processo, as memórias começaram a emergir, trazendo à tona objetos que ainda estão presentes em nossas habitações atuais — tanto da minha avó quanto da minha — como a caixa de fotos guardada em uma caixa de sapatos, o delicado jogo de xícaras e os livros que recebemos de presente.

A umidade em algumas paredes da casa, que careciam de luz ou ventilação natural, também foimeticulosamente cartografada, permitindo-nos incorporar cada um desses elementos e imaginar-nos mais uma vez dentro da casa que tanto significou para nós.



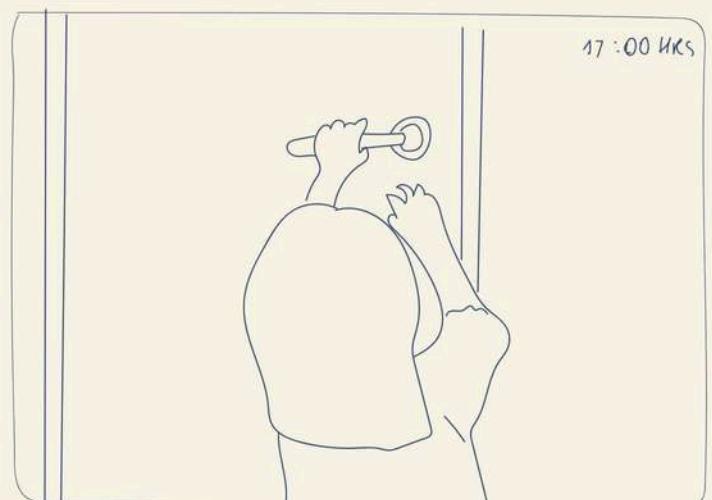
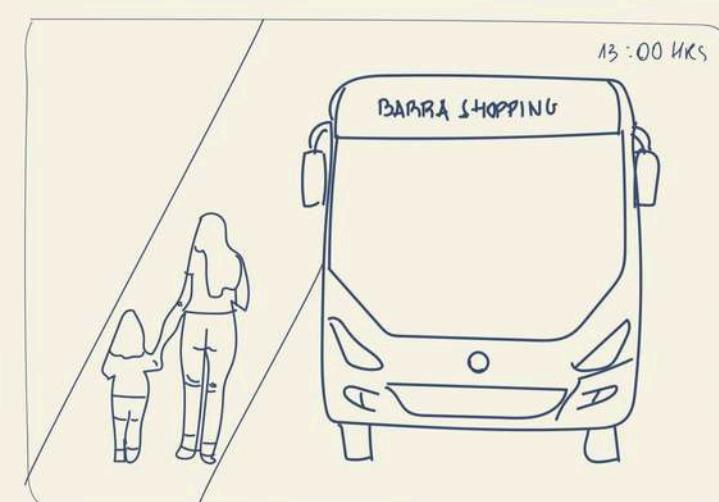
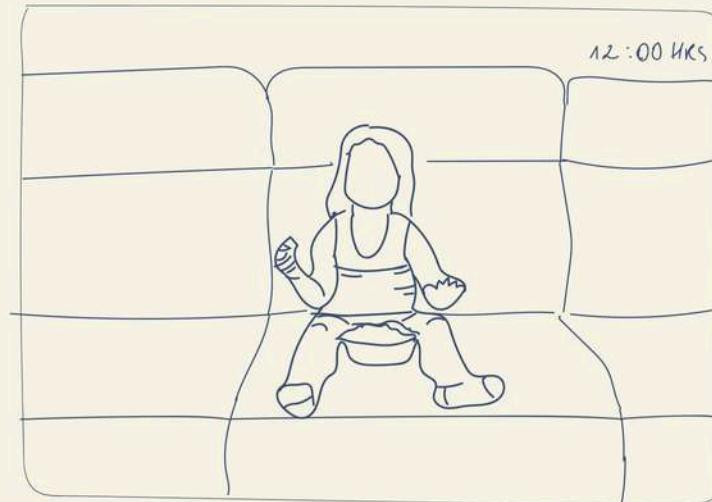
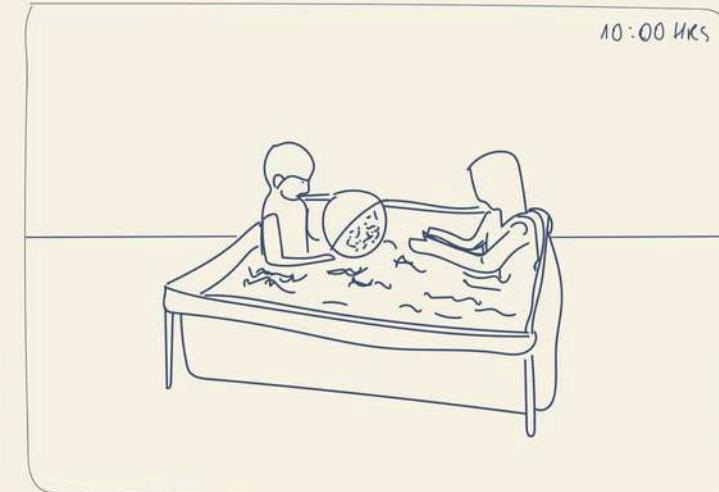
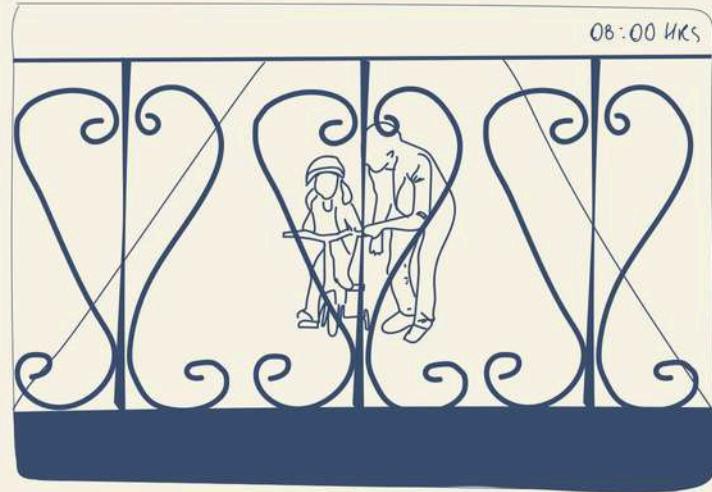
FÁBRICA DE BOLOS e TORTAS "à NORMA"

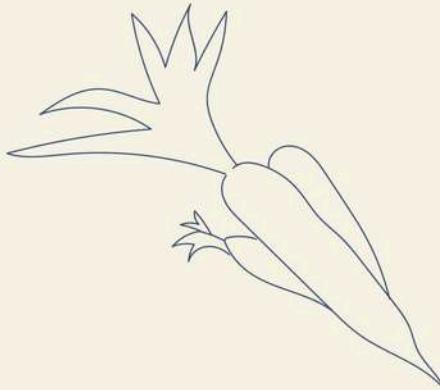
cheiro doce



domingos

Essa casa representou muita coisa pra gente: acolhimento, e as vezes caos, era muita gente morando num lugar só e passamos os últimos momentos antes de eu me formar... a casa representou o final da minha vida na faculdade e início da vida como médica, o início de uma vida só nossa, minha e sua, quando logo depois nos mudamos para o condomínio da Tia Nilza. [...] Eu gostava de ficar na varanda, quando chovia, te vendo brincar. Você passava muito tempo no terraço atrás da sua avó pela casa, quando ela não estava trabalhando e enquanto eu estava na faculdade, quando voltava a gente brincava no quarto ou sala. (depóimento de Ana Luiza, a mãe)





Bolo de cenoura com calda de laranja e chocolate

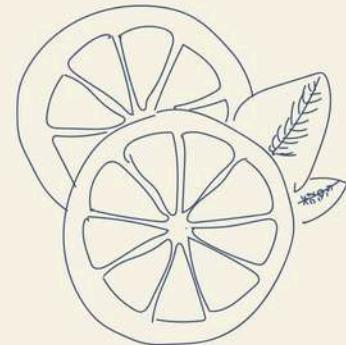
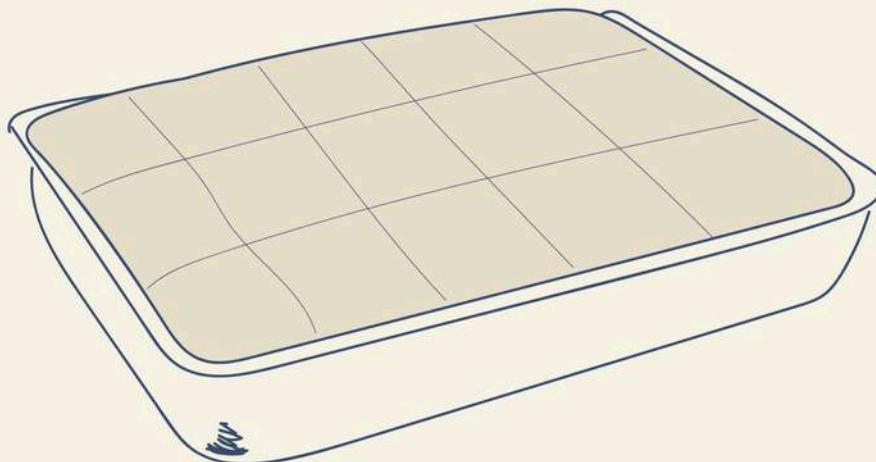
Tempo de preparo: 40 min
por NELIA NEIDE

Massa:

2 cenouras medias
3 ovos
1/2 xícara de óleo
2 xícaras de f. de trigo
1 xícara de açúcar
1 colher de sopa de fermento
em pó

Bater: cenoura, ovos, açúcar e óleo
no liquidificador

Passa para uma Tigela e misturar
Trigo e fermento.



Calda de laranja e chocolate:

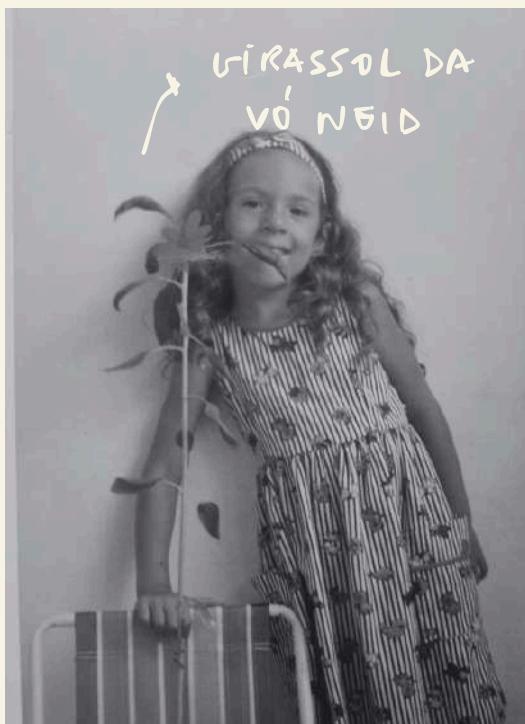
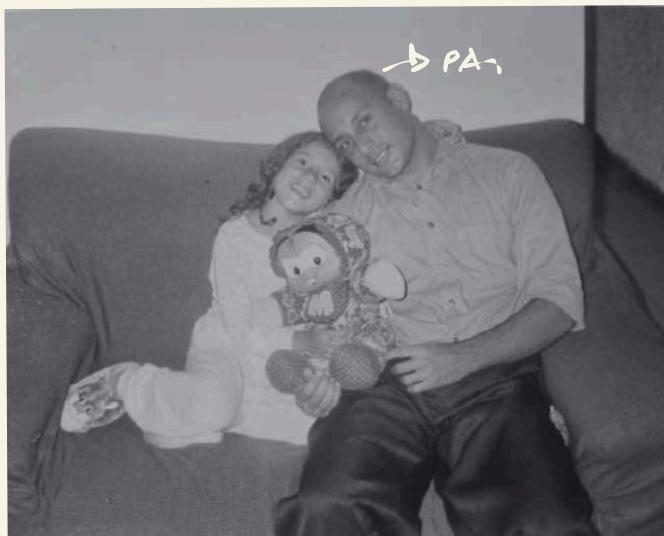
2 laranjas espremidas,
1 xícara de açúcar
1 xícara de chocolate

Misture os ingredientes
e leve ao fogo, mexendo
até adquirir consistência de
calda.

Espalhe sobre o bolo



Registro com vô Edir. Fonte: acervo pessoal, 2004.



Memórias na Casa da Vó. Fonte: acervo pessoal, 2003.

casa âncora

Durante o desenvolvimento deste trabalho, a **escolha intuitiva das casas que se destacam como “mais lares do que outras”** - a Casa Amarela, a Casa Bloco 6 e a Casa da Vó - foi inicialmente justificada pela **presença comum de aspectos construtivos e hábitos que permeavam a rotina de cada uma delas**. Na **Casa Amarela**, por exemplo, a sala se torna um espaço de constante transformação, onde os móveis são rearranjados para atender às necessidades dos eventos que realizávamos com amigos e familiares. Na **Casa da Vó**, essa prática de reorganização perdurava, mesmo na ausência de celebrações, servindo para acomodar brincadeiras entre mim e o Tio Nico, também residente na casa. Além disso, ambas as casas apresentavam problemas estruturais que resultavam em umidade excessiva, criando uma semelhança olfativa em relação ao cheiro de mofo, especialmente em determinadas épocas do ano.

Na **Casa Bloco 6**, a sala ainda sendo mobiliada, se configurava como um espaço de passagem e de brincadeiras. A relação de continuidade era evidente, especialmente em relação ao corredor do edifício, onde a porta do apartamento frequentemente permanecia travada com um “peso de porta”.

Essa continuidade se estendia à comunicação com o corredor externo, garantida pela janela da sala e o abrigo de gás, que permitia crianças, gatos, cachorros e plantas acessarem esta para conversas, brincadeiras e até mesmo lanches. No entanto, a maior conexão afetiva da casa se estabelecia no quarto de minha mãe, onde partilhávamos refeições, assistíamos à televisão e nos divertíamos, assim como ocorria na **Casa da Vó**, em nosso quarto compartilhado.

A análise das semelhanças entre a Casa Amarela, Casa Bloco 6 e a Casa da Vó, revela um aspecto significativo que se destaca em uma fase avançada deste trabalho: **a proximidade dessas residências em relação à Casa da Vó**. Apesar das mudanças de espaço geográfico que essa última sofreu ao longo dos anos, por quatro vezes entre 1999 e 2024, sua localização próxima ainda a conecta aos lares de outras gerações da família, conferindo a essas casas o status de “mais lares do que outras”. Esta interconexão torna a Casa da Vó, habitada por nossa família, em 2003, uma **Casa Âncora**, representando não apenas um espaço físico, mas um porto seguro emocional para todos os que ali habitaram e criaram memórias coletivas.

casa âncora

Quando se sonha com a casa natal, na profundidade extrema do devaneio, participa-se desse calor primeiro, dessa matéria bem temperada do paraíso material. É nesse ambiente que vivem os seres protetores. Teremos que voltar a falar sobre a maternidade da casa. No momento, gostaríamos de indicar a plenitude essencial do ser da casa. Nossos devaneios nos levam até aí. E o poeta bem sabe que a casa mantém a infância imóvel "em seus braços" (BACHELARD, 1993, p. 202)

Bachelard reflete sobre a "matéria bem temperada do paraíso material", sugerindo que a casa não é apenas um abrigo físico, mas sim um local recheado de significados e afetos que promovem um estado de plenitude. Ao se referir à casa como um espaço que **"mantém a infância imóvel em seus braços"**, o autor destaca a função protetora e perpetuadora das memórias que ali se formaram. A casa, ao longo do tempo, torna-se uma extensão da própria identidade, um lugar onde o passado e o presente se entrelaçam de maneira indissociável, incapazes de serem reproduzidos em outras circunstâncias, pois esta casa existe, agora, somente na memória.

A casa-ninho nunca é nova. Poder-se-ia dizer, de uma maneira pedante, que ela é o lugar natural da função de habitar. A ela se volta, ou se sonha voltar, como o pássaro volta ao ninho, como o cordeiro volta ao aprisco. Este signo do retorno marca infinitos devaneios, pois os retornos humanos se fazem sobre o grande ritmo da vida humana, ritmo que atravessa os anos, que luta contra todas as ausências através do sonho. Sobre as imagens aproximadas do ninho e da casa repercutem um componente de íntima fidelidade. (BACHELARD, 1993, p. 261)

A noção de **Casa Âncora**, aproxima-se da ideia de "casa-ninho", proposta por Bachelard. Evoca, assim, a ideia de que os lares se tornam ancoradouros emocionais em nossas vidas, onde as memórias, experiências e laços familiares se fundem. A presença de familiares próximos, como pais, avós e tios, agrega um valor afetivo de lar que faz com que a casa se construa como um ambiente de acolhimento e proteção. A Casa da Vó é, portanto, um espaço onde as relações se entrelaçam, criando uma base sólida de amor e pertencimento, ainda que idealizada por minha memória individual.

Se se volta à velha casa como se retorna ao ninho, é porque as recordações são dos sonhos, é porque a casa do passado transformou-se numa grande imagem, a grande imagem das intimidades perdidas.
(BACHELARD, 1993, p. 262)

Assim, ao refletir sobre a Casa Amarela, a Casa Bloco 6 e a Casa da Vó, podemos perceber que **a proximidade entre essas residências não é meramente geográfica, mas sim afetiva**. Elas formam uma rede de laços familiares que se solidifica ao longo das trocas de experiências vividas nesses espaços. A Casa da Vó, em particular, se posiciona como o núcleo dessa rede, um **ninho**, representando a chave para a compreensão das memórias coletivas familiares, das tradições e do sentido de pertencimento que permeia a vivência dos moradores. **A Casa Âncora, portanto, representa a residência que habita nossa memória, um espaço idealizado que sempre busco relembrar e reviver.** Mesmo diante de possíveis atribuições negativas, como umidade ou superlotação, essa casa permanece inabalável em meu imaginário, pois foi nos meus anos de infância que essa imagem se solidificou como um ponto de referência.

Dessa forma, caso surgisse a oportunidade de voltar a visitar essa casa, atualmente, é inegável que uma profunda decepção estaria à espreita. Assim como ocorreu durante o processo cartográfico, ao perceber que a casa não era como imaginava, nem possuía certos aspectos que idealizei, e que a memória coletiva que a cerca não era totalmente positiva como a minha. Este reencontro com a realidade revela que o tempo transforma não apenas o espaço físico, mas também as relações e os sentimentos que o permeiam.

Para que a plenitude da experiência de habitar essa casa possa ser recuperada, seria necessário voltar a 2003 e reviver momentos ao lado de minha mãe, minha avó, meu avô e meu tio. A Casa Âncora, portanto, é a casa da memória, um lugar eterno em minha busca inata por fragmentos de sua essência ao longo da minha vida. Mesmo que esses fragmentos possam se manifestar em outras casas que habito, a lembrança da Casa da Vó marca a influência do lar na construção da identidade pessoal e familiar. Ela é um ninho, evoca a proteção, a continuidade e o amor, servindo como um lembrete de que o lar é, antes de tudo, um lugar onde as relações humanas são cultivadas, preservadas e perpetuadas.

conclusão

A análise apresentada neste trabalho parte da premissa de que a arquitetura exerce um papel fundamental na produção de subjetividade, funcionando como um agente gerador de sensações e significados, independentemente de suas características construtivas. Essa subjetividade do espaço, manifestada através das singularidades afetivas e profundas que eu e os participantes externos descrevemos em relação às três casas moradas que consideramos “mais lares do que outras”, confere a essas casas uma rica dimensão de memória.

Assim como na cronologia utilizada como metodologia central nesta pesquisa, ainda existem muitos espaços que aguardam ser preenchidos por outras casas, novos lares e, possivelmente, outras referências, como é o caso da Casa da Vó. O futuro ainda guarda inúmeras experiências a serem vividas. No entanto, a singularidade da Casa da Vó, a qual designamos como Casa Âncora, estabelece este espaço como o marco inicial em minha busca por um lar definitivo. É certo que outros lares possam surgir ao longo da vida, mas nunca haverá uma nova Casa Âncora. Portanto, esta narrativa não se encerra aqui; ela se destina a traçar minha trajetória por casas já habitadas e por outras que virão.

Como o piso de “caquinhos” de granito do quintal da Casa da Vó, esta narrativa foi tecida a partir de pequenos fragmentos de discursos, sentimentos e histórias, tanto individuais quanto coletivas. Esses elementos foram fundamentais para a construção de uma compreensão abrangente que articula memória e lar no contexto das residências apresentadas e dos bairros vizinhos, dentro da área da Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Dessa maneira, ressalto a importância da colaboração de agentes externos, tais como familiares e amigos, em um processo exploratório que congrega fragmentos de vivências e memórias coletivas em diversas escalas. **Esse esforço conjunto não apenas enriquece a narrativa, mas também legitima o sentimento de pertencimento a um determinado território ou espaço que consideramos, embora de maneiras distintas, como nosso lar.**

referências

ANTUNES, Arnaldo (compositor); MARIA BETHÂNIA (intérprete). A nossa casa. In: Carta de amor. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2013 (2004).

BRANDÃO, Ludmila de Lima. A casa subjetiva: matérias, afetos e espaços domésticos. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BACHELARD, G. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

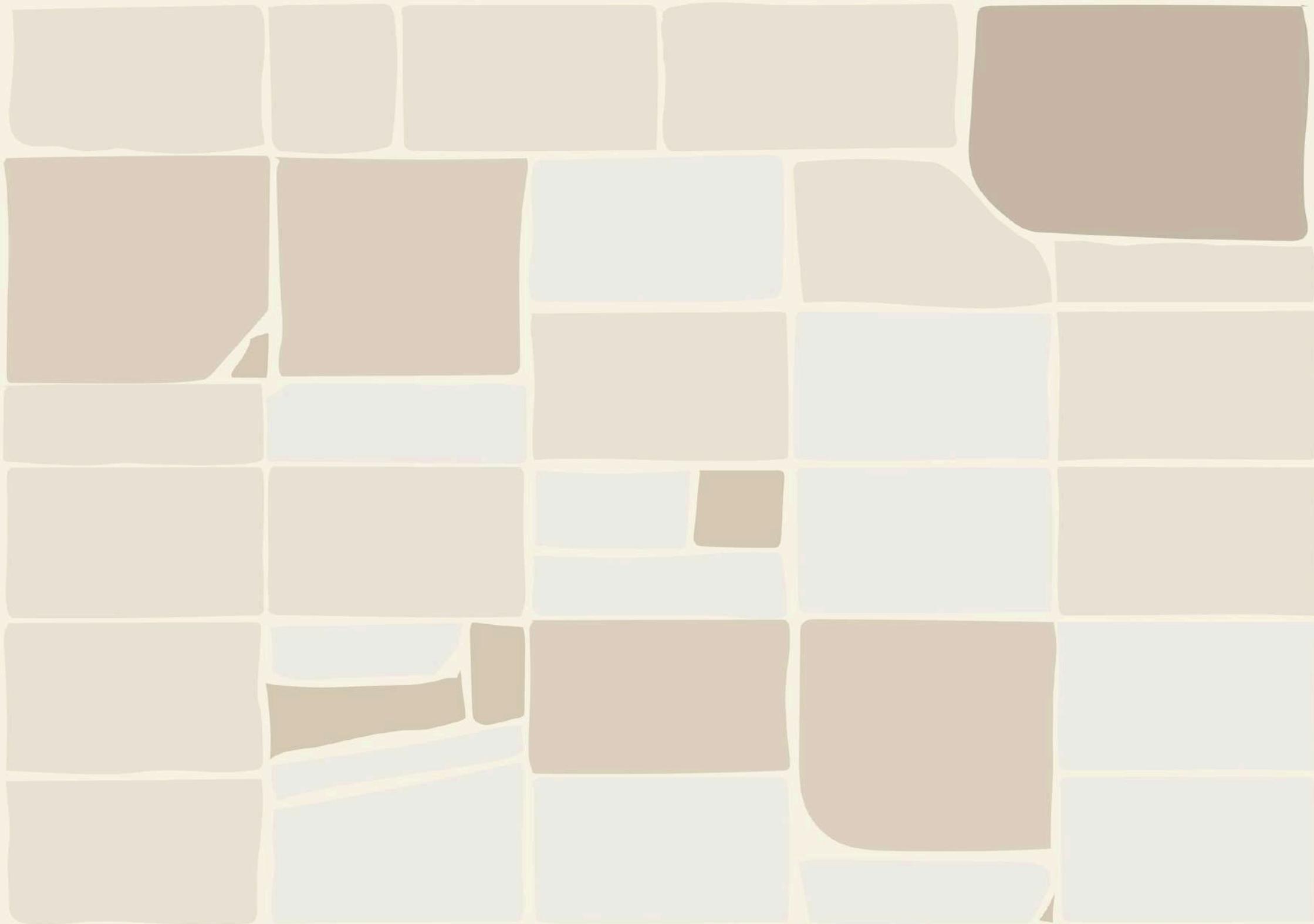
MEIRELES, C. Ou isto ou aquilo. Ilustrações de Maria Bonomi. São Paulo: Giroflé, 1964.

PALLASMA, Juhani. Identity, Intimacy, and Domicile (1995). In: MACKEITH, Peter (org.). Juhani Pallasmaa: Encounters. Helsinque: Architectural Essays, Rakennustieto Oy, 2005. p. 112-126.

_____. Identidade, intimidade e domicílio: observações sobre a fenomenologia do lar. In: PALLASMAA, Juhani. Habitar. São Paulo: Gustavo Gili, 2017. p. 11-43.

PEREIRA, M. A. C. S.; JAQUES, Paola Berenstein (org.). Nebulosas do pensamento urbanístico: modos de fazer. 1. ed. Salvador: UFBA, 2019. v. 2, p. 435-436.

PIMENTA, Leonardo Correa. Contribuições para o entendimento e planejamento da ocupação urbana da Baixada de Jacarepaguá - Rio de Janeiro/RJ: uma aplicação da matriz P.E.I.R. 97 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.



FAU UFRJ | lar subjetivo: fragmentos de memoria em jacarepaguá



ANA CAROLINA DE CARVALHO PEREIRA MENDES, 2024